

ÍNDICE DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS

Trabalhando a sexualidade na educação infantil	5
Educação infantil plugada no futuro	6
O direito à educação: meio ambiente saudável como condição de aprendizagem	7
Aprendendo a ensinar: uma experiência de ensino de ciências	8
Ensino de idiomas e mídia	8
Brinquedos com sucatas	9
Implementação de rádio escolar	10
Quem inclui quem? Relato de experiências no Cieja	10
Incentivo à leitura e à escrita	11
Leitura e escrita: um projeto interdisciplinar para EJA	11
Projeto vivências cooperativas - para um mundo melhor	12
Aprendendo e sonhando com Ziraldo	13
Desenvolvendo os sentidos através do lúdico e da afetividade na educação inclusiva	14
Sexualidade - história e arte	15
Estudo comportamental do adolescente	15
Dança do ventre	16
Estudando o tempo e o espaço em história e geografia através da música	16
Literatura infantil	17
Prazer de ler - prazer de interpretar	17
A utilização da web e do laboratório como recurso pedagógico	17
MSN no meio ambiente	18
Evolução tecnológica	19
A produção de sentidos em textos publicitários: uma proposta de leitura crítica na sala de aula	19
Informática educativa na educação infantil	20
Recurso midiático no ensino de segunda língua com jovens e adultos surdos dentro de uma perspectiva bilingüe	21

ÍNDICE DOS PAINÉIS

Para onde vai o Brasil?	22
Escola, mídia e aprendizagem	22
Como e porque estudar o futuro	23

ÍNDICE DOS GRUPOS DE INTERESSE

A formação e profissionalização do educador frente aos novos desafios	23
Contra a lógica da insuficiência docente	24
Educação de Jovens e Adultos: conhecimento tácito dos alunos e a transversalidade na concepção do currículo	25
A demanda e a oferta de EJA no município de São Paulo	25
Das políticas educacionais à atuação do educador: uma reflexão sobre as possibilidades da ação político-pedagógica	26
A agenda da educação nos tempos atuais: considerações sobre o cenário e as políticas de formação docente	27
Teatro na educação	28
Ação e atitude	29
O financiamento da educação pública: soluções ou remendos?	29
Reflexões sobre a escola e a mídia televisiva: mediações do processo de ensino/aprendizagem	30
Os meios de comunicação na formação do educador	31
A informática educativa aplicada à educação especial: o software educativo "Hércules e Jiló"	31
A primeira infância não é brincadeira	32
Brincar e aprender: uma aproximação teórica e uma identidade prática	32
Consciência ecológica para o futuro	33
A formação do Quadro de Apoio	34
Concepção de currículo e a organização da educação básica	35
Mecanismos facilitadores para uma gestão democrática	36
Da escola autoritária à Internet: uma transição necessária	37
Computadores na educação: da paciência de Jó à pedagogia Freinet	37
Transdisciplinaridade, mídia e educação	38
TV dança, TV escola	39
O projeto poético-pedagógico do professor: contribuições da arte	39
Jogos eletrônicos e screenagers: possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem	40
Avaliação na educação infantil	41
Direito à comunicação e à cidadania	41
Do inerente ao socialmente necessário	42
Papel da mídia e da escola para diminuir a distância entre incluídos e excluídos	43
A língua na educação do surdo	43
Língua materna, linguagens e mídia	44
O papel das diferentes linguagens da mídia na estruturação ou desestruturação do saber	45
Coordenação pedagógica: desafios-compromissos de um exercício exigente	45
A influência da mídia na educação e o papel da escola	46
Educar na sociedade do conhecimento	47

*Este ano, 29 projetos pedagógicos serão apresentados durante o XVI Congresso Anual do SINPEEM, que tem como tema central **EDUCAÇÃO, MÍDIA E APRENDIZAGEM**. Os projetos foram desenvolvidos nas unidades escolares, demonstrando o interesse dos educadores no aprimoramento profissional e na busca para que tenhamos um ensino público municipal de qualidade.*

*Neste caderno, os congressistas encontrarão os resumos, não só dos projetos pedagógicos – que abordam questões do nosso cotidiano, desde a sexualidade na educação infantil à implementação de rádio em escolas, utilização da web como recurso pedagógico e informática educativa na educação infantil –, mas também sinopses dos painéis **PARA ONDE VAI O BRASIL?** e **ESCOLA, MÍDIA E APRENDIZAGEM** e dos diversos temas que serão discutidos nos grupos de interesse sobre a importância e a influência da mídia no processo ensino/aprendizagem.*

Um ótimo congresso a todos!

A Diretoria



CLAUDIO FONSECA
Presidente

Obs.: Os textos dos projetos pedagógicos e a revisão dos mesmos são de EXCLUSIVA responsabilidade dos autores.

PROJETOS PEDAGÓGICOS

DIA 26/10 - 14H30 ÀS 17H30

Trabalhando a sexualidade na educação infantil

*Prof^a Claudia Regina Fagnani Sangiorgi
Emei Prof^a Neyde Guzzi de Chiacchio*

Objetivo geral:

Favorecer o bem-estar sexual dos indivíduos através de momentos de reflexão e de discussão sobre as observações de manifestações infantis.

Objetivos específicos:

- Perceber as qualidades pessoais e o sentimento de pertencer ao grupo, contribuindo na melhoria da auto-estima.
- Identificar e expressar seus sentimentos e pensamentos, respeitando pessoas com valores e comportamentos sexuais diferente.
- Considerar a comunicação como forma de expressão nos relacionamentos e ser receptivo às mensagens do outro.
- Sensibilizar sobre a importância do papel do educador na educação sexual e compreender o processo de desenvolvimento sexual na infância.

Procedimentos:

Relato de experiência com alunos e pais, através de transparência em retroprojetor de figuras, como forma de sensibilização que possibilite troca de idéias e de informações, aprimorando e comparando as discussões pessoais e do grupo, além de dicas de algumas regras básicas, conclusão sobre a sexualidade e pensamento reflexivo.

Figuras com questionamentos:

- Quem é o menino ou a menina? Observando e comentando questões culturais e sociais, quanto a cores, estilo de roupa, cabelo, utensílios e brinquedos predeterminados.
- O que estamos vendo? (Transparência)
- Crianças urinando, enfatizando posição, local e respeito ao corpo;
- Crianças vestindo roupas de adulto, como parte do desenvolvimento e representação de papéis, mas como seria se menina e menino estivessem vestindo roupas opostas...

Avaliação:

Através da participação e discussão do grupo em relação à sexualidade e em poder fazer diferente, possibilitando em mudança de postura.

Educação infantil plugada no futuro

*Célia Cristina dos S. Freitas - Rosângela Marinho
Lucrécia Rejane S. Prado - Emei Quinta das Paineiras*

Nos dias atuais, tudo o que diz respeito a educação tem sua importância, ou no mínimo, merece atenção. E com a informática não é diferente. No cotidiano da criança, já vimos em muitos casos a banalização no uso dos meios de comunicação e na interação de um com o outro.

Então, é sob este aspecto, que informática e educação podem ser ótimos aliados. Utilizando a informática no contexto escolar podemos atualizar a criança tanto da manipulação do aparelho (o computador) quanto desenvolver diversos fatores que compreendem sua aprendizagem e desenvolvimento, como noção espacial, visual, lateralidade, coordenação motora, formas, cores, tamanhos... e outros; como também tornar sua rotina escolar mais agradável e estimulante com o uso de jogos e brincadeiras informatizadas, filmes, músicas e imagens interativas e informativas.

Afastar a criança de tal oportunidade privilegiada, levando em conta que a grande parcela de crianças são desprovidas de um recurso tão útil e necessário, é considerar portanto um significativo retrocesso de valor e qualidades educativos.

Se não desejamos os analfabetizados não desejaríamos de igual forma os "analfabetizados digitais"? Pois devemos atentar de que tudo deve ser analisado e efetuado considerando que é de pequeno que o indivíduo inicia seu desenvolvimento e apropriação de todo conhecimento,.

Devemos enfim aproximar recursos informatizados, se queremos a educação democrática, a qual visa de igual direitos para todos.

Por está razão e outras é que quero enfatizar a necessidade de um POIE dado a sua importância no auxílio do aprendizado.

E com muito entusiasmo que trago a vocês educadores um relato de alguns projetos de informática feito na EMEI em que atuo, Quinta das Paineiras.

PROJETO FOLCLORE

3º Estágio A – Duração Agosto/Setembro

Profª Fabiana Schulz

Objetivos:

- Resgatar da importância do folclore
- Conhecer músicas e brincadeiras folclóricas
- Socializar
- Desenvolver a linguagem oral e escrita
- Desenvolver a criatividade

PROJETO: ANIMAIS DE JARDIM

3º Estágio C

Profª Denise Muischele Bifoni

Objetivo:

- Conhecer sobre os insetos, suas diversidade e a importância destes no meio ambiente

- Desenvolvimento da linguagem escrita e oral.
- Desenvolvimento de novas e possibilidade de escrita de texto (poemas)

PROJETO: TEMAS DIVERSOS

2º E 3º Estágios

Profª Letícia F. Gonçalves, Mônica P. Asquino, Cintia de J. Chagas e Rosana Garcia

Objetivo:

Complementar os temas abordados durante o ano previsto no planejamento.

O direito à educação: meio ambiente saudável como condição de aprendizagem

*Luciene Cavalcante da Silva - Simone Cavalcante da Silva
Maria José Vanceslau - Emei Cel. José Canavó Filho*

O direito a educação se efetiva mediante ao acesso, permanência e qualidade do ensino. Destacamos que o Estado Brasileiro possui um conjunto de leis que definem a educação como direito de todos, independentemente de sexo, raça/etnia, local de moradia, deficiência ou renda, assegurando constitucionalmente o direito subjetivo à Educação Fundamental e, contraditoriamente, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2003, em relação à educação infantil são alarmantes: somente 11% das crianças têm assegurado esse direito. O Plano Nacional de Educação informa que o Brasil possui 12 milhões de crianças a serem atendidas na faixa etária de 0 a 3 anos. Além da questão da iniquidade, o Brasil tem outro desafio, relacionado à qualidade para a efetivação do direito à educação.

O projeto que será apresentado relata como o trabalho em sala de aula com alunos e pais, articulado ao Conselho da Escola e ao Ministério Público Estadual (MP) pode viabilizar uma ação efetiva para promoção da qualidade no ensino e aprendizagem. Demonstraremos o Projeto de Transcendência Natureza, que discutiu com alunos do segundo estágio da Emei Cel. José Canavó Filho, a suposta normalidade da escola ser ladeada por esgoto que corria a céu aberto, em todo o entorno da unidade escolar; quais as ações desenvolvidas pelos alunos, professores, como o Conselho da escola se posicionou perante essa questão e qual a atuação do ministério Público para que a escola tivesse um ambiente de trabalho saudável e humanizador. Na oportunidade, também divulgaremos as atribuições do MP, e como entrar como uma representação.

Aprendendo a ensinar: uma experiência de ensino de ciências

*Evelin Palorca de Aquino - Fátima Cristina Ceolin Muniz de Almeida
Vanessa Leite Rosa Morales - Emef General Henrique Geisel*

A grande preocupação dos professores do primeiro ano do Ciclo I do Ensino Fundamental é a alfabetização, o que faz com que o ensino de Língua Portuguesa e Matemática ocorra em detrimento das outras áreas do conhecimento. Considerando esta realidade, no início deste ano iniciamos um movimento diferente no ensino do primeiro ano, resgatando os conhecimentos das diferentes áreas do conhecimento e aliando-os à alfabetização. Nosso trabalho relata uma experiência de ensino de ciências tendo como tema os Órgãos dos Sentidos, onde através de uma proposta metodológica os alunos levantam suas hipóteses, escrevem listas, classificam, comparam e verificam suas hipóteses elaborando conclusões e ampliando seu repertório de conhecimentos sobre o assunto. Relevante também neste processo é a percepção que tivemos da possibilidade de um trabalho de reflexão sobre a língua escrita, sobre o desenvolvimento da linguagem oral e de coerência de idéias em atividades que não fossem especificamente em língua portuguesa. A partir deste trabalho percebemos um salto qualitativo em nosso trabalho e no aprendizado de nossos alunos, o que nos motiva a continuar neste processo de busca e socialização.

Ensino de idiomas e mídia

Thais Romoli Tavares - Emef Prof José Ferraz de Campos

Como inserir Projetos de ensino bilíngüe e cursos optativos com língua, linguagem e cultura estrangeira ou indígena brasileira no projeto pedagógico: possibilidades e estudo de caso

Em conformidade com o parecer 18/04 do Conselho Municipal de Educação normatizado na Portaria 5690/04, efetivou-se o desenvolvimento de ações educativas referentes à Língua, Linguagem e Cultura estrangeiras e Indígenas Brasileiras, integrando a construção curricular das Unidades Escolares da rede Municipal de Ensino.

E, considerando-se a autonomia da unidade escolar para elaboração de diferentes projetos que contemplem uma proposta mais abrangente contida no seu projeto pedagógico, tem-se como atender ao perfil e necessidades da comunidade escolar. Neste contexto os projetos de ensino bilíngüe e de cursos optativos incluindo língua estrangeira e/ou indígena brasileira, excetuando-se o idioma inglês que compõe o quadro curricular das escolas municipais atendem à demanda de nossa sociedade de um mundo globalizado que requer conhecimento de mais de um idioma além da língua materna e sobretudo propiciar um maior enriquecimento cultural dos educandos.

O aprendizado de outras línguas - estrangeiras ou indígenas brasileiras traz consigo a descoberta da respectiva cultura permitindo ao educando reconhecer-

se em um panorama de diversidades étnico-raciais e culturais, e tal se dá no acesso à amplitude do universo midiático: ler, ouvir, compreender, o percebido em jornais, revistas, programas de TV, sites, filmes de outros países desperta para o inusitado e faz buscar mais do que o decodificar, mas o comparar, interpretar e expressar.

Nossa proposta neste congresso consiste em divulgar e explicitar a possibilidade de construção de um currículo sócio-cultural e histórico por intermédio de projetos de língua, linguagem e cultura estrangeira ou indígena brasileira no projeto pedagógico e para tanto apresentaremos além dos aspectos legais, teóricos, metodológicos, exemplos concretos de projetos já instaurados em diferentes unidades escolares da rede municipal.

Brinquedos com sucatas

Alessandra Monteiro dos Santos - Emei Jardim Monte Belo

Todo ano penso em propiciar aos meus alunos a oportunidade de conhecerem brincadeiras de roda que trazem o resgate da cultura popular. No entanto, esse ano, nossa escola que antes era de "latinha" passou pelo processo de substituição para a construção de alvenaria e, com isso, passamos a um prédio pra lá de provisório feito de madeirite e os poucos espaços que tínhamos para brincar, como o pátio, foram suprimidos.

Na sala não enxerguei a possibilidade de realizar essas brincadeiras, mas continuava com o propósito de resgatar aspectos de nossa cultura popular, tão rica e cheia de oportunidades. Pensando um pouco, entendi que poderia mudar o enfoque de Brincadeiras para Brinquedos e compartilhei com as crianças a idéia de confeccioná-los durante esse.

Falar de brinquedo para crianças é covardia! Eles adoraram a idéia e convidamos a perguntarem aos seus pais os tipos de brinquedos que tinham quando crianças e como eram feitos.

Ao pensar na questão financeira, já que é uma comunidade de poucos recursos, a idéia de construí-los com sucata pareceu bastante atrativa e prática.

Em nossas rodas, propus que iniciássemos nossas construções com bilboquê de garrafas pet. As crianças perguntaram aos seus pais o que era um bilboquê e trouxeram os relatos das memórias de uma época mágica na vida de todos.

Propus registrarmos a construção dos brinquedos com fotos e com a produção de *textos* de como fazê-los para organizarmos uma exposição que ajudasse as outras turmas a fazerem também.

Com tudo combinado, garrafas, relatos e idéias chegando colocamos nossa mão na massa, na tinta, na tesoura e em tudo o mais que nos possibilitasse passar de simples consumidores de produtos cada vez mais descartáveis para produtores de nossos próprios brinquedos, cheios de histórias e de significados pessoais, na construção de nossa identidade cultural.

Implementação de rádio escolar

Carlos Alberto Mendes de Lima - Emef Prof^o Carlos Pasquale

O rádio é um veículo de grande atuação social. Através desta mídia, pessoas das mais diferentes classes sociais, níveis intelectuais, religiões e outras diferenças sociais, têm acesso à informação e entretenimento. É sem dúvida um veículo democrático e tem um papel importante na transmissão de conhecimentos. A escola também tem esse papel social, no entanto, enquanto a linguagem do rádio é mais acessível ao seu público, em muitas ocasiões não acontece na escola. Implementar projeto rádio na escola é estimular a participação parceira entre educadores, alunos e comunidade. Esta participação pode contribuir na proposta pedagógica da escola, auxilia na transmissão de informação, cria condições para melhoria nos espaços de convivência como o horário do intervalo. Outro ganho pedagógico é a vivência dos alunos em ambiente profissional. Nosso projeto foi desenvolvido para se tornar um núcleo de comunicação e laboratório de criação. Os participantes do projeto recebem capacitação em técnicas de comunicação. Os cursos oferecidos a estes participantes visam prepará-los para atuar de forma profissional, obedecendo critérios de ética, organização, divisão de tarefas a partir das habilidades individuais, trabalho em equipe e autonomia. É oferecidos cursos tais como: locução, sonoplastia, produção, programação, redação jornalística, ética e organização dos trabalhos.

Quem inclui quem? Relato de experiências no Cieja

Patricia Palma Carneiro - Cieja Freguesia do Ó/ Brasilândia

A educação vive no limiar deste novo século um clima de intensa efervescência em função dos novos paradigmas, pois a nova tendência mundial é a de lutar contra a exclusão e avançar no ideal de uma escola que inclua a TODOS os alunos, independente de suas condições pessoais, sociais ou culturais.

O Cieja foi criado visando atender a uma demanda de alunos reprimidos, excluídos socialmente e que não tiveram oportunidade de estudar na época correta. Sua filosofia é a de incluir o excluído. Ele oportuniza o contato com o mundo da cultura, contato este que para muitos, acontece pela primeira vez através de nossa escola e com o mundo do trabalho através do currículo integrado (educação básica com a educação profissional).

Nos últimos anos, a partir de uma grande demanda de alunos com comprometimentos cognitivos, motores, visuais etc., surgiu a necessidade de se buscar caminhos alternativos que dessem subsídios pedagógicos e emocionais para trabalhar com esta nova realidade. Um dos caminhos foi a escolha do PEA (CURRÍCULO INTEGRADO – “A importância de incluir, a vontade de ensinar, a necessidade de aprender”) que propicia a formação do corpo docente com parcerias externas, minicursos, dinâmicas etc.

Nessa perspectiva de inclusão de todos os alunos na escola, acreditamos na importância da troca de experiências entre os educadores que vivenciam angústias e incertezas diariamente na Educação. Esta troca une e fortalece cada um dos envolvidos na tarefa de incluir.

Incentivo à leitura e à escrita

Geraldo Silvino de Sousa - Emef Marcílio Dias

Pretendo mostrar com auxílio de um data-show essa atividade desenvolvida junto aos educandos do quarto termo – EJA. Como preparativos eu tinha em mãos críticas literárias do/ e o livro “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry; outras obras sobre ou que comentem o livro; desenho ampliado de ilustração do livro, e um sitio da Internet sobre a obra. Solicitei aos educandos atenção para a leitura das críticas. Manuseamos o livro e outros que ofereciam comentários, para breve leitura de trechos. Acessamos no laboratório de informática o sitio www.bananaseixas.vilabol.uol.com.br onde existe o livro eletrônico, o que tornou possível o acesso democrático e público. Lemos o capítulo onde o pequeno príncipe visita a terra e encontra um jardim com milhares de flores idênticas à dele e depois quando encontra a raposa. Afixei o desenho ampliado da ilustração do livro e solicitei que fizessem os seus a partir dali. Solicitei que escrevessem suas próprias críticas a cerca do livro.

A arte alimenta a própria arte – Picasso

Tal seqüência didática tem como foco principal a percepção/ análise e o conhecimento da produção artística. No entanto, o cerne não está na informação dada, mas na capacidade de atribuir sentido, criar o gosto pela leitura, sobretudo ampliá-las pelas idéias compartilhadas entre os parceiros, com o mestre, outros autores e com os críticos que também se debruçam sobre a obra. Sabedor que outros livros que ofereçam intertextualidades, servem também como mediadores instigantes do que os teóricos chamam de nutrição estética, porque confrontam a proposta com as significações que já lhe foram atribuídas e também porque inserem a obra em diferentes séries temáticas em outras representações relativas ao livro.

Penso até que antes de resolver um problema, é preciso poder vê-lo, formulá-lo, analisar suas causas. O homem só se coloca frente de questões às quais já tenha possibilidades de resolver.

Leitura e escrita: um projeto interdisciplinar para EJA

Elza de Lima Ferrari e Marcelino Tristan Vargas
Emef Profº Airton Arantes Ribeiro

O PEA “Leitura e Escrita” veio ao encontro das necessidades da EMEF prof. Airton Arantes Ribeiro, pois um dos problemas do Ensino em Ciclos e do processo de inclusão escolar é o fato de algumas crianças e jovens chegarem às séries finais com defasagens na leitura e, principalmente, na produção de textos escritos. Em nosso projeto, previu-se que o trabalho com a leitura e escrita precisaria sair do âmbito apenas da disciplina de Língua Portuguesa e se tornar um projeto interdisciplinar.

Para alcançar nossos objetivos, realizamos leituras e discussões acerca do ensino da língua materna como função de todas as disciplinas, estratégias de leitura e escrita em sala de aula, principais defasagens constatadas nos alunos das diversas séries e possíveis formas de minimizá-las.

Salientamos que o trabalho na Sala de Leitura, desenvolvido pelo POSL e pelos demais professores, desempenha papel extraordinário no incentivo à leitura. Devido a esse trabalho e ao empréstimo de livros, o número de alunos leitores tem aumentado.

Neste Congresso, pretendemos relatar essa experiência bem-sucedida do trabalho com a leitura e a escrita e divulgar um dos projetos interdisciplinares desenvolvidos no mês de Agosto de 2005: "Paternidade com responsabilidade", no qual discutimos com os alunos da EJA o tema "paternidade", refletindo sobre seus conceitos e configurações na sociedade e sobre o papel da mídia na construção desses significados e na transformação do tema em produto de consumo.

Durante o desenvolvimento do projeto, houve a apresentação de filme, produção de painel e poemas, ensaio de peças teatrais, palestra sobre a temática na legislação e apresentação final de toda a produção num evento cultural. Todas as atividades envolveram a formação do senso crítico, a reflexão sobre a importância da leitura e da escrita e a produção de textos.

DIA 27/10 - 8H30 ÀS 12H30

Projeto vivências cooperativas para um mundo melhor

Moacir Volpato Sombrio - Emef Dep. Januário Mantelli Neto

Durante a trajetória como professor de educação física na rede pública de ensino, reconhecendo a escola como um espaço institucional que tem a responsabilidade de contribuir para a formação dos alunos de forma crítica, emancipatória e com poder de decisão, resolvi romper com o modelo olímpico, o qual baseia-se a disciplina da educação física, que tem como característica a disputa e a competição supervalorizando o vencedor em detrimento do perdedor.

Segundo Charles Darwin, para a raça humana, o valor mais alto de sobrevivência está na inteligência, no senso moral e na cooperação social, e não na competição.

Sob esta ótica foi criado o PROJETO DE VIVÊNCIAS COOPERATIVAS PARA UM MUNDO MELHOR no qual cooperar é: professor coopera com o aluno e aluno coopera com o professor como uma via de mão dupla, sem submissão, sustentado por uma metodologia e estratégia capaz de construir junto o novo, sem deixar de lado as novas tecnologias.

Considerando o processo como mediador na cultura escolar e o lúdico como sustentabilidade para viver e conviver no universo da escola, e utilizando-se da metodologia da vivência cooperativa nas aulas de educação física que tem como eixo central atitudes de respeito, humildade, afetividade, raciocínio, movimento, honestidade, que são experienciadas através do jogo, recreação, dança, ginástica, teatro, lutas, esporte.

Esta mudança de paradigma repercutiu positivamente entre os professores de outras áreas propiciando a disciplina da educação física visibilidade e reconhecimento no conjunto educacional dos alunos. Tal reconhecimento possibilitou a troca entre as disciplinas e o aprimoramento do projeto político pedagógico.

Mudança: ATIVIDADE “NA ESCOLA” E ATIVIDADE “DA ESCOLA”

Atividade “na escola” é toda e qualquer atividade sem a preocupação pedagógica (VISÃO CAPITALISTA).

Exemplo: A dança da cadeira – pessoas e cadeiras são excluídas.

Atividade “da escola” é toda atividade adaptada ou construída com a preocupação pedagógica (VISÃO EDUCACIONAL).

Exemplo: A dança da cadeira cooperativa – sai cadeiras mas as pessoas ficam.

Tal conceito é retirado do mundo capitalista, pois nele percebemos que adaptabilidade tem sucesso garantido, é com este conceito apropriado que trouxe para o mundo educacional.

No que se refere aos alunos, os resultados alcançados foram: melhoria no rendimento escolar, na convivência humana, no prazer pela atividade esportiva, demais matérias e o fundamental foi se perceber como sujeito do processo educativo.

Aprendendo e sonhando com Ziraldo

Prof^a Roseleine da Gama - Emei Ministro Pedro Chaves

O projeto sobre a vida e as obras do escritor **Ziraldo** é baseado e surgiu de uma frase do próprio autor: **“Para criança, ler é mais importante do que estudar”**.

A minha proposta é resgatar a literatura infantil de qualidade, proporcionando à criança um contato maior com o autor, incentivando a leitura prazerosa, trazendo o contexto da história de vida de cada um.

Considero importante também levar em conta o momento que elas estão vivendo e o respeito à singularidade de cada criança, aproveitando temas surgidos durante a leitura para trabalhar as diversas áreas do conhecimento.

Atento ao alarmante problema da dificuldade de interpretação, o projeto tem como objetivo desmistificar a idéia de que ler é algo chato, desagradável e desinteressante.

Para alcançar esse objetivo, durante as aulas, é proposta a leitura de diferentes livros do autor e a discussão dos temas por eles elencados nas diferentes áreas do conhecimento, visando o desenvolvimento e aprimoramento de estratégias de leitura eficientes que permitam ao aluno a compreensão de diferentes mensagens, a fim de viver plenamente na sociedade, que impõe a cada dia mais exigências de contato e familiaridade com diferentes formas de linguagem.

Numa visita a vida e a obra de Ziraldo pode-se entrar nas histórias, ilustrações, charges e mergulhar nas sensações das personagens, viver as diversas formas de expressão de diferentes seres humanos que compõem nossa história e suas histórias, contemplar e curtir os registros destes e de outros tempos. Enfim, ***aprender e sonhar com Ziraldo***.

Desenvolvendo os sentidos através do lúdico e da afetividade na educação inclusiva

Néia Isabel O. Fernandes Pessoa - Emei Janete Clair

JUSTIFICATIVA:

Diante das experiências que venho adquirindo no atendimento dos alunos de educação infantil, na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, pude perceber um grande anseio de conhecimentos voltados para a educação especial, da parte dos educadores. Nós que trabalhamos diretamente com os alunos, com suas características e potencialidades variadas constatamos situações importantes, relacionadas às condições físicas, emocionais, sociais, intelectuais e mentais.

Sabemos que, ainda estão em construção vários projetos sobre a área de educação especial, em nosso país.

Considerando a necessidade de se trabalhar ainda mais o princípio de inclusão bem como aprimorar o projeto político pedagógico desta escola que atende a alunos com necessidades educacionais especiais, estou apresentando um projeto nesta área.

OBJETIVO: Contribuir para a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais e das demais crianças na educação infantil, através do lúdico e da afetividade.

OBJETIVO GERAL: Desenvolver a socialização, a autonomia, auto-estima, o intelectual e a alegria de viver, nos alunos.

PROBLEMA: O que é preciso, para desenvolver e envolver à todos, numa educação inclusiva.

HIPÓTESES: Estimular a afetividade/ diálogo nas relações: educador/ aluno, escola/família, educadores/equipe escolar.

É necessário que haja a escuta, um olhar com sensibilidade do educador para com o grupo.

É fundamental que aconteça encontros dos educadores para realizarem trocas de experiências.

É preciso que haja incentivos, informações e participações da comunidade escolar, possibilitando acessos e convivências dignas de ser humano.

METODOLOGIA: Relatos de experiências realizadas na sala de aula;

Bibliografias: jornais, revistas e outros. Palestras, reuniões com toda a comunidade escolar.

AVALIAÇÃO: Será realizada de forma continuada, com acompanhamento de todas as atividades e participações nos eventos e discussões.

Sexualidade - história e arte

Judmar Ribeiro - Lilian Regina Lopes Tateoka
Mônica Paraíso Collado Sabatim - Roseli da Costa Sol - Cieja Mandaqui

O projeto visa abordar o assunto em questão de uma forma diferente da convencional. Para isso, voltamos no tempo e fomos buscar recursos na História, na Mitologia Grega e nas Obras de Arte que retratam a sexualidade de uma forma tão sensível.

Sexualidade inclui sentimento, saúde, erotismo, e principalmente sexo. O sexo é tratado de maneira diferente em cada cultura, em todas as partes do planeta. Mas em todas elas, o amor é citado como o princípio de tudo.

A origem do mundo cita a formação do Homem e da Mulher, a tentação e o livre arbítrio. Na Arte Rupestre já haviam registros de vida sexual e acasalamento. A Mitologia Grega retrata histórias de amores impossíveis e seus Deuses. Mas existe ainda o lado da sexualidade como pecado, como imoralidade e apenas para procriação.

O objetivo do projeto é mostrar a sexualidade vista por um novo ângulo, de forma abrangente e diversificada, não esquecendo que o amor é a base da vida.

Estudo comportamental do adolescente

Judmar Ribeiro - Lilian Regina Lopes Tateoka
Mônica Paraíso Collado Sabatim - Roseli da Costa Sol - Cieja Mandaqui

Desde o princípio do mundo o homem tem a curiosidade de conhecer a mente humana e entender as diversidades que cada uma apresenta. Hoje, um número maior de profissionais se dedica a compreender e explicar o comportamento nas diversas faixas etárias do homem. Um dos períodos mais complexos e mais estudados do ser humano sem dúvida é a adolescência, pois é quando se forma a personalidade, caráter e os valores morais que nortearão a sua vida adulta.

O projeto é baseado na visão do psiquiatra e cientista Augusto Cury e da psicóloga e professora doutora Maria Aznar Farias, que através de seus livros, orientam pais e professores na tarefa de educar e preparar adolescentes para enfrentar as dificuldades atuais nos campos: profissional, pessoal e afetivo.

As professoras leram o livro "Pais brilhantes professores fascinantes", cujo psiquiatra apresenta o resultado de suas pesquisas sobre atitudes e reações comuns entre adolescentes em diversas situações e analisa a postura do professor, fazendo comparações entre a educação que temos e a que gostaríamos de ter.

Há ainda uma análise da função da escola na formação não acadêmica propriamente dita, mas na validade da mesma para moldar o caráter dos jovens, fazendo um paralelo com a educação das gerações anteriores.

Cury ainda nos relata diversas experiências como psiquiatra de jovens, embasando assim, a sua tese em fatos reais voltadas para a melhoria do relacionamento de pais, professores e adolescentes.

Dança do ventre

Ivânia Lima de Oliveira - Emef Alexandre de Gusmão

Trabalho em uma comunidade carente, e a oportunidade de mostrar duas culturas tão maravilhosas como a Árabe e Egípcia, partiu do momento que fui readaptada. Uma vez professora sempre professora!!!! Como eu já fazia a dança já algum tempo, organizei um Projeto e apresentei em minha escola e após a permissão da mesma eu tive que obter permissão do DSS, por estar readaptada.

Comecei com as alunas em agosto de 2003, trabalho não apenas a dança mas a parte histórica e folclórica dela. É um trabalho que não só envolve a parte cultural, mas também com a auto-estima das alunas, levando-as a uma modificação extrínscica e intrínscica com esses conhecimentos e com a dança. Esse ano minhas aulas contam com o laboratório de informática onde realizam pesquisas da parte histórica da dança, alimentação e curiosidades.

Assistem vídeos de dança para perceber as diferentes modalidades de dança. Muitas vezes filmo minhas aulas para que elas possam se ver.

Temos acesso ao Jornal do Mercado Persa que tem diversos informes do Mundo da dança. Fazemos a leitura e conversamos muito sobre o que foi lido.

Nos apresentamos em outras escolas e comemorações da nossa escola, assim como em orfanatos. Obstáculos tive e muitos...mas apenas me ajudou a lutar cada vez mais por aquilo que acredito: minha profissão!!!!

Estudando o tempo e o espaço em história e geografia através da música

*Viviane Faydella T. Gomes - Rosa da Rocha Simão - Maria José Barberato
Lucila Santolaia Arquejo - Joel Ferreira de Carvalho - Emef Cacilda Becker*

Objetivo: representar o tempo, utilizando o calendário, situando-se no tempo cronológico distante e identificando a relação dos homens com a natureza, produzindo cultura em tempos diferentes.

Público alvo: alunos da 4ª série a, 5ªs séries e 6ªs séries

Componentes curriculares envolvidos: história, geografia, português, educação artística através da expressão gráfica e da musicalidade.

Estratégias a serem utilizadas:

1º momento: estudo do texto "quarela" compositores Toquinho e Vinícius de Moraes, direcionado para o tempo (história) e espaço (geografia).

2º momento: trabalhar a musicalidade (piano e canto coral) com os alunos das diferentes séries regidos pelo maestro e professor Joel Ferreira de Carvalho.

3º momento: expressão gráfica informatizada do texto trabalhado enfatizando os diferentes momentos do tempo em diferentes espaços.

Resultado final (nossas expectativas)

ter perspectivas do desenvolvimento do educando quanto ao fator "tempo" e "espaço" a partir de um contexto trabalhado, envolvendo diferentes componentes curriculares.

Literatura infantil

Deborah Scaquetti Ribeiro e Terezinha A. Sebestyian Rocha
Emei Noêmia Ippólito

Relato de prática do trabalho desenvolvido na escola, com as crianças de período integral (das 7h20 às 15h20), e a equipe de professoras;

Ênfase na importância de um projeto pedagógico adequado a realidade das crianças que permanecem na escola 8 horas seguidas, sendo assim, o porque da escolha da Literatura Infantil como proposta de trabalho;

Apresentação de como é feito o trabalho, através do relato e de fotos;

Avaliação do processo – Relato de como é feita a auto-avaliação do processo com todos os envolvidos, baseado na teoria que trabalhamos.

Prazer de ler - prazer de interpretar

Prof^a Elaine de Souza - Emef Prof^a Nilce Cruz Figuelredo

É uma proposta que vai além da promoção do acesso a livro na formação do leitor. Para tanto, lança mão de um trabalho voltado à inclusão social e à constante construção de cidadania. Seus objetivos são trabalhados sob três eixos: o primeiro é o de incentivo à leitura como enriquecimento pessoal, cultural e social; o segundo busca no trabalho cooperativo, a construção de uma ética voltada para a convivência, o respeito às diferenças e à solidariedade humana; e por último, busca-se também a autonomia na descoberta: o aluno revela seu potencial através das várias possibilidades de linguagem para expressar o que lê.

Tais vivências se valem do trabalho coletivo onde as experiências de leitura são mediadas pelo outro. A valorização das diferenças produz um trabalho inclusivo, pois cada aluno tem a oportunidade de exercitar valores e atitudes construídas no diálogo.

É enfim, uma experiência de leitura que visa formar leitores para além da percepção das idéias de vários tipos de textos. Incentiva-os a recriar e protagonizar situações a partir dos mesmos.

DIA 27/10 - 14H30 ÀS 17H30

A utilização da web e do laboratório como recurso pedagógico

Antonia Lúcia Pereira - Marcos Ken iti Morikawa - Regina Célia Rodrigues
Vanisio Luiz da Silva - Emef Desembargador Silvío Portugal

A constatação de que a informática é presente na prática cotidiana das populações de São Paulo, a percepção da eficiência dela como um meio importante na ação pedagógica, por suas múltiplas possibilidades de recursos e

por se apresentar ainda como novidade aos processos tradicionais na relação com o conhecimento, parecem-nos boas justificativas para o seu uso na escola pública, pois parcela significativa dos educandos não tem acesso a essas mídias, a não ser nos laboratórios de informática.

Tais pressupostos foram determinantes ao grupo de educadores da Emef Des. Sílvia Portugal, da coordenadoria de Pirituba, que tomou, como princípio, a melhor utilização da sala de informática dentro das normas previstas pela SME.

Dessa forma, vem desenvolvendo um conjunto de atividades que priorizam as linguagens disponíveis do Windows. Apresentaremos alguns dos trabalhos, que estamos desenvolvendo nas diversas áreas, os quais representam nossa busca de caminhos para um bom uso do laboratório.

É com esse espírito que, nos dispusemos a relatar algumas dessas nossas experiências com a intenção de não somente de socializar, mas elas possam ser avaliadas pelo grupo que, certamente nos ajudará a tornar o nosso trabalho mais satisfatório.

MSN no meio ambiente

*Viviane Faydella Tudón Gomes - Rosa da Rocha Simão
Mônica Mello de Campos - Otília Rocha - Emef Cacilda Becker*

O mundo é um conjunto organizado de relações significativas, no qual a pessoa existe, e deve participar da criação de sua própria identidade.. Como professoras lançamos mão de um instrumento, que ao nosso ver é imprescindível e valiosíssimo ao aprendizado do aluno. Refiro-me a Informática Educativa. Para nós através do uso da informática os alunos passam a fazer uma reflexão maior do que é aprendido e do que já é sabido (experiências de vida própria trazida da convivência familiar – O potencial nato flui diante da tela. Com a somatória de ambos, a nosso ver, o rendimento escolar tende a ter um acréscimo positivo, enriquecendo o processo de ensino/aprendizagem. Neste espaço os alunos irão interagir com os outros alunos, através do MSN. Peço que compreendam os erros ortográficos que irão ocorrer. Estes serão corrigidos através da reescrita em sala de aula e durante as aulas no laboratório de informática. Deve-se levar em conta também que a maioria dos alunos ainda não dominam a digitação e o uso do computador. É o início de um projeto no qual acreditamos que dará belos frutos no decorrer do tempo. - O trabalho por nós desenvolvido está atrelado a Sala de Leitura),

Estamos tentando algo novo, na esperança de que haja uma resposta positiva. Demos o primeiro passo e confiamos em nossa iniciativa

Objetivo: melhorar as produções de texto e auto-estima, promover a integração, socialização, e sensibilização dos alunos quanto a conservação do meio ambiente.

Através do "MSN", os alunos discutirão sobre assuntos discutidos em sala de aula, praticando a leitura e a escrita observando as marcas, pontuações, expressões, organização do texto, etc. A partir daí, em duplas, conversaram semanalmente, com seus novos amigos.

O "MSN" foi usado como uma ferramenta onde o aluno passou a ser o "escritor" de um mundo digital, dando a possibilidade dos outros alunos lerem seus textos e emitirem suas opiniões.

Evolução tecnológica

*Antonia Katsuko - Regina Célia da Silva - Devanir Delgado
Rosa da Rocha Simão - Viviane Faydella Tudón Gomes - Maria Alice
Emef Cacilda Becker*

Objetivo: estudar a evolução tecnológica através da história da humanidade.

Público alvo: alunos da 8ª série d & e

Componentes curriculares envolvidos: história, geografia, informática educativa.

Estratégias a serem utilizadas:

1º momento: estudo em classe com a professora de geografia.

2º momento: pesquisas na internet, utilizando sites de busca, onde os alunos descobrem textos e imagens que ilustrem o assunto estudado.

3º momento: elaborar uma história que deverá ser animada posteriormente, neste momento, em dupla os alunos definem um dos temas: construção, comunicação, transporte, etc.

4º momento: após discussão em classe e pesquisas na internet os alunos montam as animações.

Foi baixado da internet o programa "microsoft gif animator" (free).

Os alunos desenharam toda a seqüência no paint, salvando em gif.

Resultado final (nossas expectativas)

De maneira lúdica os alunos trabalharam diversos conceitos: a evolução tecnológica nas diversas áreas das atividades humanas, e suas implicações na vida das pessoas.

A produção de sentidos em textos publicitários: uma proposta de leitura crítica na sala de aula

*Maria Rute de Almeida Luz e Marisa Rodrigues das Neves
Emef Profº Afrânio de Melo Franco*

Entendendo o processo comunicativo como elemento de interação social que possibilita a transmissão de valores e padrões culturais e a escola como um ambiente de letramento, que requer uma atenção especial à produção e compreensão das múltiplas mensagens sociais, desenvolvemos neste trabalho uma investigação sobre as significações produzidas em textos publicitários da mídia impressa, propondo uma leitura crítica dessas significações na sala de aula. Para isso, tomamos por base a teoria da análise do discurso de linha francesa, aplicando-a no estudo da propaganda comercial

divulgada pelo tradicional jornal *O Estado de S. Paulo* em diferentes momentos do século XX. A observação da reiteração de temas – apresentado na rubrica: a valorização do produto estrangeiro, levou-nos à conclusão de que, embora exista na publicidade uma forte tendência para mudar, principalmente em decorrência dos avanços tecnológicos, há também nela uma inclinação para a manutenção de temas e figuras no nível discursivo do texto. Temas e figuras, empregados recorrentemente, consolidam valores e estereótipos que moldam uma forma específica de ver o mundo e traduzem a ideologia dos grupos socialmente dominantes.

Informática educativa na educação infantil

*Maria Cristina Barbosa de Sousa Galante - Emei Rodolfo Trevisan
Miriam Scaglioni Ruggeri Andrade - Emei Prof^a Neyde Guzzi de Chiacchio*

Como professores de informática educativa para educação infantil da Coordenadoria de Educação de Pirituba da Prefeitura de São Paulo, queremos ampliar a discussão sobre a utilização do computador na Emei. Acreditamos que esta seja uma ferramenta que permite a ampliação das funções do Professor desde que respeite o processo cognitivo, envolvidos na aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita da criança e construa situações de aprendizagem onde alavanquem processos fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento, ou seja, saber aprender a aprender. Dando condições para que nossas crianças possam elaborar formas de representações em níveis diferenciados, estabelecer relações entre suas ações e as consequências resultantes, desenvolver ações coordenadas perceptivo-motoras vivenciadas primeiramente com o corpo, incrementando-as com experiências informáticas, promover a convivência em grupo e a interação com a máquina através da possibilidade de controlar eventos e perceber o que diferentes controles irão acarretar, fixar conceitos em seu próprio ritmo e corretamente, que os façam desenvolver um estilo cognitivo pessoal, os levará a ficar em constante interação com os adultos, que procuram incorporá-las à sua cultura e à reserva de significados proporcionando o seu desenvolvimento integral, a criatividade e suas múltiplas inteligências.

Recurso midiático no ensino de segunda língua com jovens e adultos surdos dentro de uma perspectiva bilíngüe

Débora Caetano Kober - Emee Prof^a Vera Lúcia Aparecida Ribeiro

O projeto envolve atividades desenvolvidas com uma classe de 20 ano do Ciclo I de jovens e adultos surdos (19 a 35 anos) da Emee Prof^a Vera Lúcia Ap. Ribeiro, da Coordenadoria de Educação de Pirituba, no início do ano de 2005.

A Escola vem desenvolvendo suas atividades dentro de uma perspectiva de educação bilíngüe, onde a Língua de Sinais é concebida como primeira língua e a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita é concebida como segunda língua.

A Língua de Sinais é a língua que dará o arcabouço lingüístico para a construção de sua identidade enquanto sujeito diferente, membro de uma minoriasociolingüística e, não deficiente.

O projeto foi desenvolvido a partir do filme, da Pixar Stúdios (o premiado "PARA OS PÁSSAROS", que acompanha o filme MONSTROS S.A.).

Após as diversas exposições ao filme, o grupo foi filmado recontando a narrativa em Língua Brasileira de Sinais (Libras), organizando o discurso coletivamente.

A partir deste trabalho, construímos o texto em segunda língua, com a participação da professora como escriba do grupo.

Este texto foi lido e relido através de leitura compartilhada por todo o grupo, acompanhado da construção de um glossário a partir do texto, que fora fotografado, oferecendo a significação nas duas línguas. O sinal (LIRAS) fotografado e o vocábulo grafado em Português escrito.

Utilizamos os momentos de Informática para ilustrar o texto, e a partir daí, reescrevê-lo no Power Point. Para fortalecer o enfoque bilíngüe, gravamos o texto de cada slide em Libras.

As atividades desenvolvidas fortaleceram a auto-estima dos alunos, que passaram a se perceber enquanto leitores e escritores em segunda língua.

PAINÉIS

DIA 24/10 - 14H30 ÀS 17H30

Para onde vai o Brasil? Em nome da liberdade

Renato Rovai - jornalista e editor da Revista Fórum

A principal característica do atual ciclo da História, de uma sociedade globalizada, tem sido a ampliação do poder político dos veículos de comunicação. O resultado desse fenômeno é o estreitamento das possibilidades democráticas em plano mundial. Os recentes episódios ocorridos na Venezuela são relevantes para entender o fenômeno. No Brasil também há, numa ação ainda mais difusa, exemplos desse novo momento.

A sociedade civil progressista e os setores que defendem princípios de radicalidade democrática devem pautar sua ação política considerando este cenário. A construção de uma rede de comunicação alternativa tem de ser o objetivo central daqueles que pretendem disputar o poder, com propostas distintas do consenso capitalista atual, que tem como arma mais poderosa os instrumentos de formação da opinião pública utilizados pelo midiático poder.

Essa rede de comunicação alternativa não pode estar atrelada ao Estado nem à lógica da informação como mercadoria, que caracteriza a mídia tradicional conservadora.

A Imprensa enquanto instituição sairá fortalecida caso a sociedade civil progressista inclua essa luta em sua agenda. O processo democrático enquanto valor estratégico será oxigenado.

Não é de hoje que a ação dos grupos midiáticos tradicionais tem ultrajado os padrões éticos. Em nome da liberdade de imprensa, tornam a sociedade refém dos seus desejos e objetivos. E seqüestram a democracia.

DIA 25/10 - 8H30 ÀS 12H30

Escola, mídia e aprendizagem

Clóvis de Barros Filho - professor de ética dos cursos de graduação e pós-graduação da ECA-USP. Coordenador do Programa de Mestrado da ESPM-SP, onde também leciona na graduação

A despeito do espaço que os meios de comunicação ocupam na experiência de qualquer aluno, a mídia ainda não está integrada à grade curricular das escolas. A dificuldade está em inserir, na educação formal, um objeto de estudo que rivalize com a escola pelo monopólio tendencial da produção legítima de sentido, da interpretação socialmente aceita do real e no fato de que o currículo escolar não se resume num acervo de conteúdos de saber.

O resultado desse descaso curricular com a produção midiática é a profunda falta de conhecimento por parte de alunos e professores acerca desse processo. A pouca familiaridade com a gênese da notícia jornalística e da mensagem publicitária os condena a uma grande passividade diante da mensagem recebida.

O encontro "Escola, Mídia e Aprendizagem" objetiva abordar de forma crítica não só o modo de produção da informação jornalística e publicitária mas, principalmente, sua recepção pela sociedade. Por meio de pensadores e pesquisas realizadas pelo próprio autor, apresentaremos e analisaremos de diferentes ângulos questões polêmicas que se colocam no processo comunicacional.

Mais do que desenvolver conteúdos, visamos familiarizar o aluno com a reflexão crítica e com os discursos analíticos da atualidade sobre o sujeito e os meios de comunicação, destacando sempre a necessidade da formação de professores de ensino fundamental e médio das redes pública e privada capacitados para trabalhar com o processo de produção midiático e seus efeitos.

Como e porque estudar o futuro

Frederic M. Litto - professor da ECA-USP, coordenador científico da Ecoa do Futuro da USP e Presidente da Abed

Se toda a educação se baseia na preparação de pessoas para viver no futuro, porque é que não ensinamos nada sobre o futuro, nem como pensar sobre o futuro de forma sistemática, concentrando todos os nossos esforços no ensino do passado? Esta apresentação demonstrará a importância e a viabilidade de levar jovens a pensar com clareza e firmeza sobre os seus futuros.

GRUPOS DE INTERESSE

DIA 26/10 - 14H30 ÀS 17H30

A formação e profissionalização do educador frente aos novos desafios

Gaudêncio Frigotto - mestre e doutor em Ciências Humanas (Educação), professor titular visitante do Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana na UERJ/RJ

Um dos maiores desafios na formação e profissionalização do professor é o de constituir-lo com a capacidade de leitura crítica do mundo.

Vivemos num tempo de mudanças profundas nos campos científico, tecnológico, econômico, cultural, social, ético-político e educacional. Um contexto em que assistimos aos velozes processos de mundialização das mercadorias e do capital, monopólio da ciência e da técnica e à profunda exclusão social.

O projeto societário excludente assume um duplo movimento: o desmonte da educação pública e a crescente mercantilização ou privatização do ideário pedagógico. O foco é a formação do cidadão mínimo. É neste contexto que se reduz a formação do educador a um “tecnólogo” do ensino, especializado em métodos e técnicas.

Para pensar a formação do professor como leitor crítico da realidade, que se capacita a reaprender, a conhecer e a fazer, na perspectiva de uma sociedade inclusiva, é necessário situar esta formação no plano dos desafios ético-político, teórico e da práxis cotidiana na ótica da emancipação social. Isto implica em combater sem tréguas o ideário neoliberal e lutar para construir sociedades fundadas nos princípios da igualdade, da justiça, da efetiva liberdade e da solidariedade, colocando a ciência, a técnica e os processos educativos a serviço da dilatação da vida para todos os seres humanos e do cuidado com a vida.

Trata-se de formar um professor que seja educador e dirigente.

Contra a lógica da insuficiência docente

Danilo Di Manno de Almeida - doutor em Filosofia, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação – mestrado (Umesp)

Os avanços tecnológicos e as mudanças paradigmáticas têm desafiado a atividade docente. Gerou-se a necessidade do que foi chamado de “formação continuada”.

Do docente é cobrada uma certa capacidade de atualização e adequação às transformações em curso, o que será feito com base numa ideologia da “competência”. Sob o ângulo desta ideologia, sabemos que dificilmente alguma categoria profissional responderá a contento à velocidade das transformações tecnológicas e culturais, muito menos a dos docentes.

A “lógica” que fundamenta essa “ideologia” pressupõe uma insuficiência insuperável. Situação que parece se agravar ainda mais quando se trata de apontar para os déficits na área educacional. Tem-se como dado que esta área se encontra em atraso em relação à pronta resposta de outros setores e à performance da adaptabilidade. Porém, mais deficitário ainda que o mobiliário e os recursos empregados na emergente *atualização tecnológica educacional*, destaca-se a insuficiência docente.

A contínua qualificação docente deve, portanto, dar a esse conjunto de profissionais da educação a competência adequada para enfrentar os novos desafios educacionais. Os aparelhos já estão lá, falta a capacitação docente para fazer uso de novos instrumentos educativos. Decorre daí a situação *crítica* da docência, fazendo sugerir a condição de *inadequação*, como uma segunda natureza, desta classe profissional. É contra essa lógica de desqualificação docente que incidem as reflexões aqui reunidas.

Educação de Jovens e Adultos: conhecimento tácito dos alunos e a transversalidade na concepção do currículo

*Stela C. Bertholo Piconez - professora doutora pela Fac. de Educação da USP
Coordenadora do Núcleo de Estudos de EJA e de Formação de
Professores para Ensino Presencial e Educação a Distância*

Para iniciarmos a reflexão sobre a demanda de EJA e as questões de currículo escolar precisamos compreender o que este tema significa.

“Por educação de adultos entende-se o conjunto de processos de aprendizagem, formais ou não formais, graças aos quais as pessoas cujo entorno social considera adultos desenvolvem suas capacidades, enriquecem seus conhecimentos e melhoram suas competências técnicas ou profissionais ou as reorientam a fim de atender suas próprias necessidades e as da sociedade. A educação de adultos compreende a educação formal e permanente, a educação não-formal e toda a gama de oportunidades de educação informal e ocasional existentes em uma sociedade educativa e multicultural, na qual se reconhecem os enfoques teórico e baseado na prática”. (Art. 3º da Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos).

Aprendemos com Paulo Freire partir da “leitura do mundo” para considerar as necessidades dos alunos, as situações significativas e curiosas para eles. Realizar um trabalho interdisciplinar com base, por exemplo, nos temas geradores. Aprendemos também que a “educação bancária” não pode pautar as atividades do trabalho pedagógico, que deve ser organizado COM o educando e não PARA ele. Assim, é preciso considerar um currículo de jovens e adultos que envolva, entre outros itens, metodologias e avaliação desenvolvida.

A demanda e a oferta de EJA no município de São Paulo

Maria Clara Di Pierro - professora da Faculdade de Educação da USP

O Censo Demográfico de 2000 indicou que dos 7,8 milhões de paulistanos com idade igual ou superior a 15 anos, 386 mil eram analfabetos, o que representava 4,9% da população dessa faixa etária. Quase 730 mil dos jovens e adultos paulistanos (9,3% do grupo de idade) tinham entre um e três anos de estudos, encontrando-se possivelmente em situação de analfabetismo funcional. O dado mais impressionante era o que indicava que 2,2 milhões de pessoas (28,2% dos moradores da cidade) tinham entre quatro e sete anos de estudos. Somados os três subgrupos constatava-se que 42,4% dos jovens e adultos da cidade não haviam concluído os oito anos do ensino fundamental, direito educativo a todos assegurado pela Constituição.

Os serviços de educação de jovens e adultos mantidos pelas redes de

ensino pública e privada, no município de São Paulo, são insuficientes para atender demanda tão extensa. O Censo Escolar de 2004 registrou apenas 175.335 matrículas no ensino fundamental de jovens e adultos. A maior parcela do atendimento – mais de 85% do total – era realizada pela rede municipal de ensino, que possuía quase 150 mil estudantes na modalidade de educação de jovens e adultos. A rede estadual registrou apenas 15,7 mil matrículas (menos de 8%), enquanto a rede particular recebeu quase dez mil inscrições (5,7%).

Na rede municipal de ensino, os estudantes jovens e adultos eram atendidos de duas diferentes formas: nos cursos presenciais, oferecidos nas escolas predominantemente em período noturno, e nos cursos com presença flexível e capacitação profissional concomitante, oferecidos pelos Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos (Ciejias), nos três períodos. A eles se somavam os cursos de alfabetização promovidos por organizações comunitárias reunidos no Movimento de Alfabetização (Mova). De acordo com a Secretaria Municipal de Educação, em agosto de 2004 o Mova tinha 1.144 turmas de alfabetização, nas quais estavam inscritas 24.609 pessoas; a maioria dos estudantes era mulheres (70%) e pessoas com mais de 40 anos de idade (57%).

A cidade tem ainda muitos outros projetos de alfabetização e elevação de escolaridade de jovens e adultos que, sendo realizados por organizações civis, sindicatos, movimentos sociais, igrejas e empresas, não são computados pelas estatísticas educacionais. A oferta total, porém, está longe de satisfazer às necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos da cidade, o que mantém na ordem do dia o desafio da expansão de oportunidades educacionais com qualidade, que depende de financiamentos estáveis.

Das políticas educacionais à atuação do educador: uma reflexão sobre as possibilidades da ação político-pedagógica

*Maria de Fátima Barbosa Abdalla - professora com mestrado
em Educação da Universidade Católica de Santos
Coordenadora do Fórum Estadual Paulista e
Coordenadora Regional/Sudeste da Anfope*

A discussão acerca dos desafios colocados pelas políticas educacionais passa, sobretudo, por uma reflexão sobre seus possíveis efeitos na ação político-pedagógica que expressamos ao educar. Ação esta que é definidora da condição humana e pressupõe nosso poder de luta para a educação que desejamos.

Nesta perspectiva, a idéia aqui é a de examinar três conceitos-chave, que nos ajudarão a avaliar os limites políticos e nossas potencialidades pedagógicas. Entre eles, destacamos, primeiro, o da *contra-hegemonia*, refletindo sobre a tarefa do educador crítico e a natureza política da atividade docente.

Segundo, assinalamos a importância de se compreender o conceito da *crise*, como momento decisivo e de mudança, em que repensamos nossas es-

colhas e decisões e nos tornamos sujeitos mais autônomos.

E, terceiro, trataremos do conceito de *poder local*, pois é a partir dele que se constroem espaços democráticos no interior das escolas. Consideramos *poder local* às possibilidades do professor desempenhar a sua tarefa de ensinar, intervir no currículo, na aprendizagem dos alunos e na construção de uma escola de melhor qualidade.

A partir disso, interessa ressaltar em que medida o Estado e a Escola podem contribuir para fortalecer as ações do professor. Quanto ao Estado, algumas ponderações são oportunas: a) ruptura com a tarefa de gerir reformas educacionais de fora para dentro, e de cima para baixo, distante da realidade das escolas e dos atores que nela atuam; b) implementação de sistemas de informações descentralizados, permitindo o fluxo de dados entre as decisões do governo e o acompanhamento das ações por parte dos professores e da comunidade escolar; c) promoção das condições materiais e de trabalho das unidades escolares, incrementando recursos e meios que possam assegurar o efetivo trabalho docente; d) incentivo à formação de redes múltiplas de experiências; e) estabelecimento de políticas que, efetivamente, contribuam com a formação e o desenvolvimento profissional dos professores em busca de uma educação mais democrática e de melhor qualidade.

Por outro lado, a Escola teria que propiciar, regularmente, um tempo para os professores discutirem as informações, trocarem experiências, descreverem as situações didáticas, registrarem suas vivências e aprenderem a sua profissão. Penso que um caminho seria o de valorizar estratégias de aprendizagem da profissão que permitam: a) explicitar as políticas educacionais e as representações e práticas dos professores; b) vivenciar formas de tratamento das diferentes informações; c) tomar consciência em torno da resolução de problemas, avaliando conseqüências e impactos; d) reconstruir saberes por meio da organização, articulação e análise dos projetos/processos de condução e regulação das ações. Isso seria uma maneira de colocar em pauta, discutir, denunciar e superar muitos dos problemas que nos são impostos.

Enfim, descortinar um percurso profissional de construção e de produção de sentido no conjunto das políticas e das práticas educacionais, programando, assim, as *nossas ações político-pedagógicas* que é uma tarefa árdua, mas não impossível. Contudo, é preciso competência, compromisso, vontade e uma boa dose de *ousadia* e de *esperança* para enfrentar este desafio.

A agenda da educação nos tempos atuais: considerações sobre o cenário e as políticas de formação docente

Ângela Maria Martins - pesquisadora/Fundação Carlos Chagas, professora mestre em Educação pela Unisantos e diretora estadual da Anpae

Desde meados dos anos de 1970, a economia internacional vem sofrendo profundas modificações, ocasionadas por diferentes fatores. O surgimento de novas tecnologias, tais como a microeletrônica, a microinformática e a robó-

tica, bem como os novos materiais e as fontes alternativas de energia, promoveu novas formas de organização e gerenciamento do trabalho. Muitos autores afirmam que essa etapa mais recente do capitalismo está estruturada em bases mais flexíveis, se contrapondo, portanto, ao período anterior no qual a organização do mundo do trabalho estava fundamentado.

De modo geral, essa nova forma de organizar a produção recebeu a denominação de Terceira Revolução Industrial e provocou profundas modificações nas relações sociais do trabalho. As novas tecnologias atingiram rapidamente o sistema financeiro internacional, permitindo que seus mecanismos funcionem de forma interligada, o que propicia grande velocidade às suas ações. Evidentemente, o trabalho produtivo não desapareceu completamente. Porém, essas mudanças provocaram, dentre outras questões sociais graves, taxas preocupantes de desemprego e o fechamento de postos de trabalho.

Esse conjunto de mudanças configurou um cenário, caracterizado, invariavelmente, como a sociedade do conhecimento. É nesse contexto de transformações complexas, com conseqüências políticas e econômicas, que a educação e, por decorrência, a escola, assume uma posição estratégica.

Teatro na educação

Silvionê Chaves - professor e ator. É Licenciado em Educação Artística pela Faculdade Mozzarteum e como ator no Teatro Escola Macunaíma. Trabalha, na Cia. Poiésis de teatro com as peças "Memórias de um educador", de sua autoria, e "O romantismo através da poesia".

A LDB, em seu artigo 26, parágrafo segundo, diz: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos." É a partir desse pressuposto legal que iremos refletir sobre a importância do teatro na educação.

A atividade teatral oportuniza ao educando se desenvolver de maneira responsável, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo. No dinamismo da vivência teatral, ele trabalha sua imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio.

O teatro na escola deve ser compreendido como uma combinação de atividades para o desenvolvimento global do educando, um processo de socialização e um exercício de convivência.

É fundamental que a participação do educando seja ativa e voluntária nas atividades teatrais. Ao descobrir a si e ao outro, pode o aluno ampliar sua visão de homem e estabelecer a sua própria escala de valores éticos.

O objetivo do teatro na educação não é formar um aluno ator, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida pessoal e coletiva.

A aprendizagem das atividades teatrais fundamenta-se no binômio: espontaneidade e técnica. Entretanto, é importante que o professor esteja consciente do teatro como um elemento fundamental na aprendizagem e no desenvolvimento do educando, e não simplesmente como a transmissão de uma técnica.

Ação e atitude

Andréa Egydio - atriz e professora

A constatação de uma padronização geral de modelos e comportamentos ditados pela mídia e todo um sistema de consumo acontece a partir de modelos observados no cotidiano. Coisas simples como vestimenta, cortes de cabelos, construções de corpos artificiais. São padrões que revelam mecanização, inexpressividade, inflexibilidade e culminam com a ausência do espontâneo e do individual.

Tais padrões revelam também uma rigidez que configura uma contradição em uma era em que a tecnologia possibilita tamanha abertura e circulação de conhecimento. O imediatismo muitas vezes acaba por retirar a paciência necessária à criação, à investigação, ao conhecimento do novo, à possibilidade de pesquisar.

Desemprego, competição, violência, pressões econômicas e sociais tornaram o tempo compacto e técnico. O aluno, ator inserido neste contexto, passa pela aula de teatro como passa pela vida. Só que, de repente aparece uma contradição: o teatro é a arte da presença do ator. Então o aluno depara-se com todas as suas ausências, seu treinamento diário de não estar, sua mente desligada do corpo e do espaço em que vive.

Acordar, perceber, reconhecer, distinguir, escolher, atuar são fundamentais no processo de ruptura com a apatia coletiva que não aparece só na falta de vontade, de energia pensante, mas também no fazer mecanicamente, no agir por compulsão, na falta de silêncio e escuta.

Felizmente a arte do teatro exige uma atitude consciente e inteira o tempo todo.

O financiamento da educação pública: soluções ou remendos?

Nicolas Davies - professor doutor da Universidade Federal Fluminense. É pesquisador e autor de livros sobre financiamento da Educação

A privatização é verificada na Educação pela isenção fiscal total concedida às instituições privadas desde a Constituição Federal de 1946 e pela isenção previdenciária às filantrópicas desde 1959, sem falar nos subsídios e auxílios de todo tipo – salário-educação, criado em 1964, crédito educativo, criado nos anos 70 (hoje Fies), que prevê cerca de R\$ 1 bilhão para financiar estudantes “carentes” em instituições privadas, e o Prouni, que prevê renúncia fiscal do governo federal em troca de vagas.

De um lado estão os que dizem que o problema do financiamento não é falta de recursos, mas que são mal gerenciados. De outro, os que dão prioridade absoluta ao aumento de verbas, porém, raramente mencionam a necessidade de seu melhor uso.

São muitos os exemplos de malversação de recursos vinculados à Educa-

ção. O governo estadual de São Paulo, por exemplo, deixou de aplicar bilhões de reais devidos em educação, segundo a Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembléia Legislativa, em 1999. Os ex-prefeitos Maluf e Pitta também não cumpriram a exigência constitucional de aplicação do percentual mínimo de 30% no setor e a ex-prefeita Marta Suplicy modificou a Lei Orgânica em 2001 para usar uma parte do percentual mínimo em despesas que não são de manutenção e desenvolvimento do ensino.

Outra falsa questão é a de criação de fundos, como o Fundef, e hoje com a proposta do Fundeb, que não trouxeram nem prometem trazer aumento de recursos para a Educação como um todo.

Reflexões sobre a escola e a mídia televisiva: mediações do processo de ensino/aprendizagem

*Dalmo de Oliveira Sousa e Silva - doutor em Comunicação e Artes
ECA/USP – professor Umesp*

Como conhecemos o mundo atualmente? Sem margem de dúvida, a maioria dos conhecimentos que adquirimos no nosso dia-a-dia se dá por meio de nosso contato com as mais variadas mídias, dentre as quais, a televisão ainda ocupa lugar de destaque.

Diante do impacto desta tecnologia de informação e comunicação torna-se cada vez mais necessário que as instituições escolares tenham uma preocupação em analisar os efeitos da influência deste meio nos processos de socialização e aprendizagem.

Se partirmos do pressuposto de que a escola não é simplesmente um local de transmissão de conhecimentos, mas, sim, um espaço de promoção do pensamento reflexivo e da visão crítica então, cabe a esta mesma escola servir de mediadora entre as informações e conhecimentos “prontos” transmitidos por meio da mídia televisiva (que, afinal, fazem parte da vida cotidiana e, portanto, não devem ser ignorados) e os processos de aprendizagem que desenvolvam nas crianças e jovens a autonomia necessária para saber lidar com a influência que este meio exerce sobre a sua vida.

Sendo assim, cabe a nós, educadores, pensar e repensar os diversos aspectos relacionados a uso da televisão enquanto tecnologia educacional, bem como fornecer e instrumentalizar subsídios práticos que possibilitem a produção de conhecimentos voltados a educação de seres humanos mais solidários e conscientes da importância do seu papel na sociedade que, afinal, não deve ser de “massa”.

DIA 27/10 - 8H30 ÀS 12H30

Os meios de comunicação na formação do educador

*Luiza Cristina de A. Ricotta - psicóloga, professora universitária,
consultora institucional, palestrante e autora de "Quem grita perde a razão:
a educação começa em casa e a violência também",
"O vínculo amoroso: a trajetória da vida afetiva" e
"Educação e Desenvolvimento"*

A mídia é um veículo poderoso e forte, que causa impacto no modo de vida da pessoa exposta a ela e reflete em seu modo de pensar e de se comportar na vida.

Refletiremos sobre como o educador vivencia as questões do seu tempo, sua capacidade de elaboração e a formação de uma mentalidade crítica, sendo, portanto capaz de oferecer uma influência positiva em seus alunos.

A utilização da mídia pode ser um recurso positivo de aprendizagem e forma de atualização frente ao universo contemporâneo dos fatos e da evolução história de um determinado conhecimento. O bom educador, ou melhor, o profissional de excelência, é atualizado e sensível às questões de seu tempo. Seu olhar e postura precisam estar alinhados com a ética, a sabedoria, o não preconceito, a não discriminação e a qualidade da interação humana.

A aprendizagem vem se adequando a uma necessidade de integrar o aluno ao universo da sociedade como um todo: - o aplicativo na vida prática, a sensibilização com os acontecimentos históricos marcantes de nossa época, as influências culturais que permeiam a todo instante o modo de viver das pessoas, a identificação com valores, a busca de representações sociais, importantes e extremamente necessárias ao universo simbólico do indivíduo.

O educador preparado e inteirado de seu papel como transmissor de valores e de conhecimento, terá na mídia a postura de desmistificá-la e decodificá-la, tornando-a positiva ao invés de generalista e massificante.

A informática educativa aplicada à educação especial: o software educativo "Hércules e Jiló"

*Amaralina Miranda de Souza - mestre em educação
especial pela Universidade de Salamanca*

Trata-se do desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem multimídia de caráter cooperativo, recomendado para alunos com necessidades educacionais especiais por apresentarem deficiência mental e que se encontram em nível de alfabetização. O software denominado "Hércules e Jiló" pretende estimular o

aluno mediante múltiplos recursos buscando a interação entre o virtual e o real, objetivando a alfabetização científica, matemática, lingüística, social e informática. Seu funcionamento está centrado em uma série de atividades que, de forma aleatória e gradual, o usuário devidamente orientado pode realizar. Essas atividades se dividem em duas categorias: **1** – atividades para montar e jogar, nas quais o aluno utiliza o computador para construir jogos para jogar fora do computador. **2** – atividades interativas e virtuais nas quais o aluno é estimulado a participar de uma série de jogos virtuais propostos pelo software. Todas as atividades abordam o tema dos seres vivos que existem na terra.

A primeira infância não é brincadeira

*Vera Lúcia Anselmi Melis Paulillo - World Forum Foundation –
Brasil Representative National / Global Leader for Young Children*

A Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) estabelecem que é dever do Estado garantir a educação infantil a todas as crianças de 0 a 6 anos. O grande desafio, entretanto, é oferecer estratégias de atendimento com qualidade.

Investir na infância é investir na formação do professor. Precisamos de profissionais qualificados, supervisão para o funcionamento à luz dos critérios estabelecidos nacionalmente, ambiente favorável, proposta pedagógica baseada nas necessidades e nos direitos das crianças e materiais que contribuam para todo o desenvolvimento. Acrescentamos a vontade política, a criatividade e o compromisso da Secretaria de Educação.

Para recriar uma organização escolar que contribua para que as condições de educação e cuidados sejam gratificantes para a criança, beneficiando a contínua construção da profissionalidade do professor, é preciso estudar as relações espaciais e ambientais que se apresentam como uma metodologia prática e reflexiva, na qual convivem as histórias de vida de cada professor e o exercício da criação de espaços para a aprendizagem.

Outro aspecto importante é o uso de novas linguagens para a formação continuada. A inclusão digital também deve ser voltada para os professores, por meio de cursos de especialização. Muitas iniciativas nesta direção já acontecem e devem ser incentivadas.

Brincar e aprender: uma aproximação teórica e uma identidade prática

Sanny S. da Rosa - pedagoga, mestre e doutora em Educação

Para elucidar a semelhança entre o brincar e o aprender é preciso, antes, apontar a radical *diferença*, do ponto de vista da posição do sujeito em relação aos conteúdos e finalidades destas duas atividades.

O “brincar” pressupõe a suspensão temporária da realidade objetiva a fim de que possam emergir, na brincadeira, aspectos da realidade subjetiva do sujeito. Daí seu caráter lúdico, de fantasia, típico do “faz-de-conta”. Em contraste, o “aprender” pressupõe e requer que o sujeito leve em conta os limites impostos pelo real, as regras de funcionamento do mundo e do grupo, o que implica tolerância à frustração e disciplina de conduta.

O brincar e o aprender não são atividades solitárias, mas pressupõem um *vínculo* com o *outro*; a segunda é a de que este não é um *vínculo* qualquer, mas cuja qualidade – a *confiabilidade* – é condição para que o sujeito possa ter experiências significativas naquela área de trânsito entre a subjetividade e a objetividade. Do contrário ficará privado do brincar e do viver criativos, mantendo, com a realidade externa, uma relação apática e de submissão.

Se considerarmos que o *espaço potencial* é a área em que tem lugar toda experiência satisfatória e também uma comunicação significativa com o mundo, podemos dizer que a área do brincar e do viver criativo é a mesma onde também pode ocorrer o processo de ensino-aprendizagem.

Consciência ecológica para o futuro

Adriano Assi - formado em Administração de Empresas e com experiência internacional em comércio de sucatas metálicas, foi sócio no Brasil de empresas de comércio de sucatas não-ferrosas e plásticas, onde também prestou consultoria em gerenciamento de resíduos recicláveis. Hoje é Editor Executivo da revista Reciclagem Moderna, a única publicação no país especializada em sucatas e reciclagem dirigida exclusivamente para profissionais do setor.

Em pouco tempo os problemas relativos ao lixo saíram dos ambientalistas xiitas para entrar na casa de grande parte da população. Com esse maior interesse dos cidadãos, a mídia nunca falou tanto dos problemas dos resíduos sólidos urbanos e de seus sistemas de coleta e reciclagem, tanto pelo lado ambiental quanto pelo social.

Neste sentido, o papel da escola hoje é essencial para uma maior sustentabilidade das próximas gerações. Ela deve estimular uma relação mais consciente da sociedade com seus resíduos, mostrando, através de uma abordagem mais clara, que o futuro se faz hoje e os resultados futuros serão interessantes para toda a sociedade: geração de renda (sucatas que viram matérias-primas industriais e têm valor comercial), distribuição de renda (estes recursos gerados são distribuídos por toda a pirâmide social – de catadores a empresários, de padarias às fábricas de automóveis), geração de empregos diretos e indiretos (fabricantes de equipamentos, prestadores de serviços etc), economia das reservas naturais (menor uso das matérias-primas virgens), redução dos custos públicos de coleta do lixo (a iniciativa privada tem interesse nessa sucata e está disposta a investir em sistemas de coleta próprios para fazer com que essa sucata chegue à sua empresa), aumento da vida útil e da qualidade dos aterros sanitários (menor volume de lixo nos aterros e maior quantidade de resíduos orgânicos), geração de divisas (sucatas são matérias-primas utilizadas no mundo todo e são exportadas como qualquer outro produto), entre outros pontos positivos.

A ecopedagogia na educação ambiental para sociedades sustentáveis

Antônio Sérgio da Silva - geógrafo, mestre em Engenharia Urbana (UFSCar), docente convidado no curso de especialização em Educação Ambiental (EESC-CRHEA-USP)

Para pensar uma sociedade sustentável, é preciso reconhecer, entre outras coisas, as relações do homem no seu espaço como cidadão, como coletivo, como espécie biológica, também depende de reinterpretar as várias concepções de mundo de valores, que se mostram voltados para um novo entendimento no modo de ver a vida, conseqüentemente integrar tais valores às formas mais sustentáveis de agir.

A ecopedagogia pretende pensar uma pedagogia pela formulação de uma proposta educacional de forma que os educandos e os educadores percebam seus papéis a partir da aprendizagem do sentido da vida. Portanto, um exercício de um projeto pedagógico, que traz a idealização de um futuro sonhado de princípios e valores éticos, no qual as pessoas partilham da construção a partir da realidade, traçando uma proposta que possa contribuir para adquirir novos conceitos voltados para uma sociedade mais sustentável. Daí a importância em se criar possibilidades para a participação e editar práticas pedagógicas inovadoras com o apoio de metodologias transdisciplinares.

No sentido da dimensão pedagógica, a prática se desenvolve em sentir a necessidade, perceber quais os problemas do entorno próximo e do menos próximo, conhecer o problema propondo sua decodificação para analisar quais as causas e conseqüências, e de que ordem elas pertencem. O debate e a compreensão contribuem para facilitar ainda mais a construção de propostas necessárias para mudanças efetivas.

A formação do Quadro de Apoio

Elizabeth Ângelo Caderno - professora e pedagoga

Analisando a situação dos profissionais da educação que compõem o Quadro de Apoio é indispensável destacar a natureza educativa que contorna as atividades desses servidores.

Por este motivo, deve-se ressaltar que as características fundamentais de um educador precisam ser preservadas pelos agentes escolares, auxiliares técnicos I e II, considerando o fato de se relacionarem com crianças e adolescentes numa atmosfera educacional.

Neste contexto, define-se por um perfil de profissional essencialmente capaz de atuar como apoio ao processo educativo por isso não pode ser um adulto infantilizado.

Desempenhar atividades estruturais no âmbito escolar é muito importante à organização do espaço escolar representando o suporte necessário ao pleno funcionamento da escola.

O Quadro de Apoio do sistema de ensino municipal da cidade de São Paulo, composto pela equipe auxiliar da ação educativa cumpre um trabalho de caráter essencialmente educativo e formativo.

As ações do dia a dia, de cada um dos profissionais da ação educativa assumem o apoio necessário para o desenvolvimento do projeto pedagógico da escola nos seguintes aspectos: estimular a função da inteligência; na contemplação do belo, na exposição de idéias; desenvolver o espírito empreendedor, educar a emoção; preparar para os fracassos, estimulando habilidades relacionais para resolução de problemas e despojar-se de preconceitos e estar aberto para o novo e o inusitado.

Concepção de currículo e a organização da educação básica

Cecília Hanna Mate - Faculdade de Educação da USP

O tema do currículo pode ser abordado por diferentes aspectos, construído historicamente. Desde a década de 30 temos um currículo cunhado por reformas de ensino que construíram um modelo de programa, de disciplinaridade, de metodologia e de avaliação.

Frente às mudanças econômicas (novo modelo econômico mundial e seus efeitos no mercado de trabalho), sociais (desinstitucionalização da família, efeitos da má distribuição de renda), culturais e tecnológicas (velocidade e quantidade de informações veiculadas pelos meios de comunicação), temos uma escola que está mudando. Isso leva a repensar práticas de ensino, refletir sobre o papel social dos educadores e do conhecimento, sobre formação, políticas educacionais, relação professor/aluno e projeto pedagógico.

Pode-se dizer que o currículo é teoria, porque é elaborado, baseado em determinadas concepções de educação e transformado num currículo oficial (hoje os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1º e 2º grau). Também é prática, porque a realidade escolar desenvolve e coloca em prática um currículo. Desta forma, ele pode ser visto e discutido tanto pelo aspecto da prescrição e determinação governamentais, como pelo aspecto da dinâmica do cotidiano.

Para planejar os currículos temos as determinações externas (política educacional, universidade, livros didáticos/editoras) e as internas (cultura escolar, especificidades da escola e cotidiano, projeto pedagógico da escola, currículo nacional, conteúdo, avaliação etc).

Alice Casimiro Lopes - professora da UERF

Tanto no pensamento como nas propostas e práticas curriculares são múltiplas as concepções de currículo capazes de constituir um terreno de conflitos e disputas em relação ao que é considerado como conhecimento válido.

Ao entender currículos como políticas culturais vê-se que elas não estão limitadas às definições expressas nos documentos escritos – os PCNs para os ensinos fundamental e médio, as diretrizes curriculares ou mesmo a LDB. Envolvem textos que são produzidos nas unidades escolares, projetos políti-

co-pedagógicos, planos de aula, planos de curso. Também é preciso considerar as práticas e discursos envolvidos nas decisões relativas à seleção, organização e distribuição dos conteúdos escolares. A política curricular é produzida em múltiplos espaços e tempos e por múltiplos sujeitos.

Tal entendimento confronta-se com a idéia de política curricular como um pacote que vem de “cima para baixo” para as escolas, determinado pelos governos, cabendo às escolas apenas implementar ou resistir àquele pacote.

As leituras diversas que as escolas fazem das concepções curriculares circulantes na sociedade são decorrentes de sua organização institucional, das trajetórias profissionais de seus professores e do que os grupos das disciplinas escolares pensam sobre currículo. Mesmo existindo uma proposta de currículo nacional, há possibilidades de leituras heterogêneas desse currículo.

Mecanismos facilitadores para uma gestão democrática

*Eliana Chiavone Del Delchiaro - pedagoga com
especialização em gestão escolar*

A palavra gestão tem sido empregada no campo educacional por ser mais moderna que administração e por seu conceito estar vinculado a valores. Nesse sentido, sabemos que a escola é um espaço público no qual convivem os mais diversos interesses. Ela é também espaço de conflitos. Essa pluralidade de perfil deve se constituir num rico debate interno, fundamentado na reflexão coletiva, na construção de consensos, a fim de implementar o projeto político-pedagógico. A organização e a gestão da escola devem priorizar esse projeto. Gerir é educar.

O desafio fundamental da educação hoje é a formação de um cidadão mais integrado, preocupado com o bem comum. Para isso, é preciso enfrentar valores, crenças petrificadas e se apropriar de competências político-pedagógicas. O educador deve redescobrir o prazer da docência e o valor social da Educação.

Para isso, o projeto político-pedagógico é um espaço aberto, construído e vivenciado por todos os envolvidos, com avanços, consensos, com sentido explícito e um compromisso definido coletiva e democraticamente. Há alguns mecanismos fundamentais e facilitadores nesse processo: unidade, autonomia, comunicação, descentralização do poder, representação social, formação continuada, avaliação e acompanhamento.

Ousadia, coragem e força política devem permear o cotidiano daqueles que fazem da Educação uma bandeira social única, capaz de elevar a condição humana.

Da escola autoritária à Internet: uma transição necessária

João Ferreira do Prado - pedagogo, professor e mestre em Educação

Vivemos uma lenta e gradual transição de uma escola autoritária e excludente, a escola jesuítica, em busca de uma outra, que ainda não sabemos ao certo, mas que certamente terá por escopo o diálogo entre seus atores. Calçada na “decoreba” e no “cale a boca, fique quieto, porque quem sabe sou eu, você escuta”, a escola autoritária fez história nesses últimos cinco séculos no Brasil. Nela, era proibida a expressão do pensamento por parte do aluno. O aluno falava estritamente o que o professor perguntasse.

Ao lado da igreja e família, a escola reproduziu, anos a fio, o interesse das elites de cada época. Resultado: professores reprodutores do autoritarismo; alunos medrosos, passivos, omissos e revoltados; sociedade igual. Isso ainda é fato nos dias atuais, na maioria das escolas, públicas inclusive.

O pensar foi primazia da elite dominante, a mesma para quem a escola foi pensada e estruturada e que insistimos, equivocadamente, preservar. A informação chegava à juventude via professor. O ensino era tarefa exclusiva da escola.

Com o advento da tecnologia, o rádio foi socializado, as revistas e jornais se multiplicaram. Surgiram o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão, o computador, a internet e o celular, numa rapidez tamanha que a escola ficou num outro plano como instituição, não mais detentora privilegiada do conhecimento.

Hoje, os alunos são mais questionadores. Com isso, os professores estão tendo de se reeducar para continuar professores.

Computadores na educação: da paciência de Jó à pedagogia Freinet

*Luca Rischbieter - geógrafo (UFPR) e mestre em Pedagogia
(Universidade Paris V)*

O ensino tradicional pode ganhar muito com o uso de softwares educativos de qualquer tipo, usando desde joguinhos simples até sofisticados simuladores para trabalhar conceitos e conteúdos. Um aspecto de importância fundamental é que os computadores podem ajudar a fazer um ótimo trabalho de pedagogia curativa e diferenciada, pois têm uma “paciência de Jó”, ou seja, jamais punem um aluno que erra e, mesmo em jogos de extrema simplicidade, como “forca” ou simples softwares de “continhas” de matemática, encontramos o que podemos chamar de “alegria de errar”, o que pode ter grandes conseqüências sobre a auto-imagem das crianças e sobre sua aprendizagem.

Já em relação a uma pedagogia mais voltada para a realização de projetos, os computadores e a Internet podem abrir inúmeras possibilidades para

interagir com pessoas que podem estar a milhares de quilômetros de distância, ou seja, permitem derrubar os muros da escola sem levantar da cadeira. Isso permite pensar em novas formas de promover atividades em que a interação com os outros é o principal fator de motivação.

Ignorar o potencial desse novo instrumento é um pouco parecido com o que seria querer educar, há algumas décadas, sem usar canetas e livros. As possibilidades dos computadores para melhorar a educação são inúmeras e temos a obrigação, especialmente na escola pública, de permitir que as crianças comecem o mais cedo possível a explorar esta tecnologia.

DIA 27/10 - 14H30 ÀS 17H30

Transdisciplinaridade, mídia e educação

*Ubiratan D'Ambrósio - professor emérito da Unicamp
e professor da PUC e da USP*

A integridade do conhecimento é negada pela sua organização em disciplinas. A superação dessa organização dá seu primeiro passo, tímido, com a multidisciplinaridade. Resultados de distintas disciplinas são justapostas para se explicar fatos de alguma complexidade. Um passo além é a utilização de métodos de várias disciplinas na busca de explicações, caracterizando a interdisciplinaridade. Porém, a percepção integral só se estabelece com a superação das disciplinas, mediante uma visão holística, que caracteriza a transdisciplinaridade.

As novas tecnologias de informação e comunicação afetam profundamente os processos de geração, organização e difusão do conhecimento, com grandes conseqüências nos sistemas de propriedade material e intelectual, de produção e de economia, e, portanto, no cotidiano. O maior impacto veio com o desenvolvimento das mídias digitais e da informática.

Assim como a Idade Média levou da Antiguidade à Idade Moderna, passando pela Renascença, estamos vivendo uma transição para uma civilização planetária. Os elementos que determinarão essa nova civilização serão construídos a partir do que estamos chamando de Idade Mídia.

Nesta Idade Mídia, o espaço físico das escolas passa por uma grande transformação, que exige um novo pensar em educação. Assim como na Idade Média, o grande obstáculo à adoção de um novo pensar na Idade Mídia é a crítica ingênua, que muitas vezes leva à recusa das novas tecnologias de informação e comunicação na educação.

TV dança, TV escola

*Isabel A. Marques - doutora em Educação pela USP, diretora do
Caleidos Arte e Ensino e autora dos livros "Ensino de dança hoje" e
"Dançando na escola"*

Não são poucos os professores e educadores que já tentaram trabalhar com a dança em sala de aula e obtiveram como resposta corporal dos alunos uma movimentação codificada, cheia de passos e movimentos copiados da TV. Aliás, são estas danças que a maioria dos alunos mais gosta.

Em vez de continuar atacando insanamente e menosprezando as danças da moda veiculadas pela TV, o desafio é abordá-las a partir de um olhar crítico, construtor de conhecimento e de propostas educativas.

Primeiro, é preciso encontrar nas danças preferidas pelos alunos os elementos que os atraem, as facetas que os fascinam, a "mágica" da mídia. Depois, temos de compreender as estruturas de linguagem dessas danças para poder oferecer outras leituras de mundo aos nossos alunos.

Em geral, as danças da mídia acompanham as músicas de forma literal, simples e direta. Outra questão é a da identidade: por ser moda, todos dançam iguais. A criança, em sua necessidade de pertencimento, muitas vezes vê neste aprendizado uma forma de pertencer ao grupo, de ter uma identidade coletiva. O terceiro ponto é o conceito de dança veiculado pela TV: dança é igual a coreografia, ou seja, não é apresentada como jogo, brincadeira ou experimentação.

Outra questão a ser pontuada é o fato de a base do aprendizado ser a cópia, a imitação calada e surda, a recepção acrítica daquilo que está sendo ensinado. Aprender copiando não requer reflexão, compreensão, elaboração, esforço individual criativo.

O projeto poético-pedagógico do professor: contribuições da arte

*Sumaya Mattar Moraes - licenciada em artes plásticas e pedagogia,
especialista em arte-educação (ECA-USP), mestre em Educação (USP)
e doutoranda na Faculdade de Educação (USP). Realiza pesquisas e
atua em projetos nas áreas de arte-educação e formação de professores
e é coordenadora pedagógica na rede municipal de ensino e docente
do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.*

A proposição do grande educador reveste-se de um caráter urgente e nos convida à reflexão ante o cenário, por vezes desolador, em que se encontram a escola e seus principais atores: nós e nossos educandos.

A formação do educador e do aluno é contínua e ininterrupta. Do professor, espera-se a transmissão de valores e princípios que não se contraponham à possível ética universal do ser humano que é necessária ser construída.

Da mesma maneira que há saberes necessários à construção de uma prá-

tica educativo-crítica, há elementos fundamentais à tarefa de ser professor: prazer, alegria, esperança e coragem são alguns deles, que ajudam a compreender o momento presente e a delinear o futuro.

Ressignificar o exercício docente é resgatar os sonhos e desejos iniciais que presidiram à escolha da profissão. É recuperar o ser poético e inventivo que pode estar adormecido dentro de cada um; é também a recuperação do caráter inerentemente criador da educação.

A certeza de que a transformação é possível é a razão de ser do ato educativo crítico e pode ser o sentido que está ausente. A arte na educação contribui insubstituivelmente para a experiência individual e para a compreensão do ser humano, pois lida com um aspecto da consciência humana a que nenhum outro campo se refere.

Quando o projeto de vida do professor se reveste de poesia e reflete sua inventividade, ele se torna um projeto poético-pedagógico. Um poema que desperta a beleza em ensinar e aprender.

Jogos eletrônicos e *screenagers*: possibilidades de desenvolvimento e de aprendizagem

*Lynn Alves - mestre e doutora em Educação e Comunicação e
especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal da Bahia (Faceb)*

O jogo é um elemento da cultura que contribui para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo dos sujeitos, se constituindo assim, em uma atividade universal, com características singulares que permitem a resignificação de diferentes conceitos. Portanto, os diferentes jogos e em especial os jogos eletrônicos, podem ser denominados como tecnologias intelectuais.

A presença dos jogos na história da humanidade tem início com a própria evolução do homem, antes até de serem estabelecidas normas e regras de convivência, às quais os sujeitos se adaptavam ou propunham outros encaminhamentos que atendessem às suas demandas. Os rituais da caça, da guerra tinham um caráter lúdico, de entretenimento, de força e poder.

A interatividade e a interconectividade, favorecidas pelas tecnologias digitais e pela cultura da simulação, vêm também contribuindo para a instauração de uma outra lógica que caracteriza um pensamento hipertextual, o que pode levar à emergência de novas habilidades cognitivas, como a rapidez no processamento de informações, disseminação mais ágil de idéias e dados, com a participação ativa do processo, interagindo com várias janelas cognitivas ao mesmo tempo.

Os *screenagers* (geração web) buscam interagir com os jogos eletrônicos, que exigem rapidez de movimentos e demandam uma inteligência sensorio-motora, o que ratifica a idéia de que essas gerações apresentam formas distintas de pensar e compreender o mundo. Abrem muitas janelas simultaneamente.

Avaliação na educação infantil

Elisandra Girardelli Godoi - professora e assistente de Coordenação do curso de Pedagogia da Universidade São Marcos/Campus Paulínia, doutoranda e membro do Grupo de Estudos de Educação Infantil e do LOED da Faculdade de Educação/Unicamp e autora do livro "Avaliação na Educação Infantil: um encontro com a realidade, pela Editora Mediação".

Pensando na educação das crianças de 0 a 6 anos, as diretrizes legais, ou seja, a LDB/96 impede que a avaliação tenha um caráter seletivo, que aprove ou reprove a criança. Isso significa que todas as crianças devem ter acesso direto ao ensino fundamental, no entanto, nos deparamos com fatos e dados que mostram o oposto.

Ver e praticar a avaliação em uma outra perspectiva é um desafio para a educação, porque o que temos praticado é uma avaliação pontual, voltada para os resultados, cujo objetivo tem sido o de medir e verificar a quantidade de conhecimentos e habilidades que a criança adquiriu ou não.

Rever a avaliação e pensá-la numa perspectiva de construção é rever a organização do trabalho pedagógico (o currículo, os tempos e espaços da escola), além das concepções de mundo, de sociedade, de educação, de criança e de infância, que temos praticado. Isso requer uma mudança de olhar. Em vez de focalizar a criança como sujeito a ser avaliado, é o trabalho pedagógico, ou seja, o contexto educativo que passa a ser a referência, assim, a observação do cotidiano se constitui como o cenário de discussão e análise.

Esta forma de organização é mais complexa e exige da escola um trabalho coletivo e espaço para formação, além de um embate constante e de resistência, levando em consideração as contradições da sociedade para provocar mecanismos de mudanças nas relações de trabalho dentro e fora da escola, pensando nos direitos das crianças de 0 a 100 anos, eu diria.

Direito à comunicação e à cidadania

Cicília M. Krohling Peruzzo - doutora em Comunicação pela Universidade de São Paulo, autora do livro "Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania" e professora da Universidade Metodista de São Paulo.

O direito à comunicação se entrelaça a dois princípios fundamentais da cidadania: liberdade e igualdade.

As transformações nas sociedades, que incluem o desenvolvimento crescente das tecnologias de informação e comunicação, explicitam a necessidade do resgate do debate em torno de uma outra dimensão da cidadania, relegada ao segundo plano, além das tradicionais dimensões no campo dos direitos civis, políticos e sociais, a dimensão cultural. Esta se expressa como direito à liberdade de acesso à informação e de fruir os bens culturais, mas também como direito comunicacional, ou seja, de acesso dos cidadãos aos

meios de comunicação enquanto produtores e difusores de mensagens e não apenas como receptores, respeitadas as diferenças.

Os meios de comunicação são frutos do desenvolvimento histórico do conhecimento humano. Têm um papel social imenso, desde que correspondam às funções esperadas de um bem público a serviço dos interesses coletivos.

Já está comprovado que o rádio, o jornal e o vídeo, quando utilizados adequadamente, ajudam a estimular a participação criativa do aluno e contribuem para a melhoria do processo de aprendizagem e fixação do conhecimento.

Preparar o cidadão para o exercício do direito a se comunicar através de novas linguagens, como a do rádio, da televisão e da internet, é uma necessidade explicitada pela sociedade contemporânea, que tanto evoluiu em matéria de novas tecnologias.

Do inerente ao socialmente necessário

*Diogo Moyses - coordenador executivo do Intervozes –
Coletivo Brasil de Comunicação Social*

Baseados na constatação da centralidade do espaço público midiático na sociedade contemporânea, podemos evoluir com o raciocínio e deduzir que a participação dos indivíduos e dos grupos, constituída social e culturalmente, é condição para a realização da democracia, sob diversos aspectos. Se o homem buscou, desde o início da história, desenvolver as técnicas comunicativas, o atual estágio de desenvolvimento minimiza a questão colocada pelos que defendem o direito à comunicação a partir da ótica jusnaturalista. Nas sociedades contemporâneas, a comunicação é, certamente, socialmente necessária.

Se optássemos por uma investigação filosófica mais profunda, esbarraríamos inevitavelmente na necessidade de discutirmos a comunicação a partir da relação entre liberdade e igualdade. De fato, quando se discute questões práticas como concentração dos meios de comunicação, estamos discutindo a liberdade à luz dos conceitos de igualdade que também permearam as lutas que fizeram dos direitos sociais, direitos humanos fundamentais, intercambiar conhecimento num plano maior de igualdade.

O reconhecimento do direito à comunicação é simultaneamente a superação do conceito de liberdade de expressão e o reconhecimento do espaço público midiático como necessário, extrínseco ao ideal democrático. Ao conceito de liberdade, estendida como prestação negativa do Estado, acrescenta-se a idéia de igualdade como condição *sine qua non* para o exercício dessa liberdade.

Papel da mídia e da escola para diminuir a distância entre incluídos e excluídos

Elson Rezende de Mello - jornalista e professor universitário

Pode-se argumentar que tanto a mídia como a escola contribuiriam para diminuir a distância entre incluídos e excluídos se fossem exercidas plenamente, de acordo com seus fundamentos. Mas a realidade não é bem assim. Estamos no mundo dos conceitos que encarnam e representam necessidades que vivenciamos historicamente. Ou seja, não é tão automático que o bem em determinado momento histórico seja alcançado por boa vontade e bons propósitos.

Conceitos como o da inclusão social têm de ganhar espaço e visibilidade em seu tempo, como resultado de todo um processo de discussão e de assentamento de sua necessidade.

É papel da mídia e da escola se engajarem na luta para que as novas idéias se imponham. Por suas características, mitologias e retóricas, a mídia seria um reflexo do que atinge o meio em que atua, sem maiores esforços. Mas, vista como veículo privilegiado para a circulação de informações e idéias, ela pode ser empregada para disseminar novos conceitos, novos hábitos na batalha da transformação dos costumes e da sociedade. O mesmo pode se dar com o conceito da inclusão, de recente aparição no mundo das idéias e das transformações da sociedade (Declaração de Salamanca, Declaração de Sundberg).

A batalha para consolidar o conceito de inclusão é ganha na medida em que é refletida na mídia e chega à escola – a mídia discute e reporta os casos de sua disseminação e a escola estabelece os fundamentos de seu uso, começando pelo exercício da educação inclusiva.

A língua na educação do surdo

Lodenir Becker Karnopp - doutora em Lingüística e professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil

O objetivo deste texto é analisar o contexto de uso da língua de sinais por surdos em escolas inclusivas, em que línguas em contato (língua de sinais e língua portuguesa) apontam para a discussão das relações de poder entre pessoas que usam línguas diferentes, salientando traços da identidade surda e da diferença. O objetivo inicial deste trabalho é investigar aspectos da situação lingüística dos surdos que estão em contato constante com duas línguas. Em seguida, são apresentados alguns conceitos sobre o que significa o contato entre línguas, a situação das comunidades em que se falam várias línguas e as conseqüências que a situação bilíngüe traz para os surdos. Desta forma, não se pode deixar de considerar a relação entre língua, cultura, identidade, além da exposição à língua de sinais e às práticas de leitura e escrita na língua portuguesa.

Contribuições da lingüística, dos estudos culturais em Educação e dos estudos de surdos têm possibilitado um melhor entendimento das questões relacionadas ao tema proposto. O recorte aqui apresentado visa contribuir para a discussão da relação entre poder, identidade e diferença em comunidades bilíngües, centrando a discussão para o caso do surdo na escola.

O material de análise inclui depoimentos de surdos sobre a língua portuguesa e a língua de sinais, sobre as práticas de leitura, escrita e tradução e sobre a relevância social da comunidade surda.

Língua materna, linguagens e mídia

Zuleika de Felice Murrie - doutora pela Feusp e professora

A língua tem uma história de significados atribuídos socialmente de acordo com as relações de poder. Alguns significados envolvem preconceitos, estereótipos, valores, juízos sobre os homens e o mundo que os cerca.

Transformar o discurso teórico em prática parece ser o grande problema a ser enfrentado pelo sistema e educadores. Significa assumir um compromisso histórico e dialético com a transformação e criação de uma nova cultura.

As línguas naturais (materna e estrangeiras), a diversificação da arte, a educação física centrada no corpo e a informatização eletrônica das tecnologias contemporâneas têm em comum a linguagem, considerada a capacidade de significação e comunicação da humanidade.

Se for possível supor um início para a associação dos movimentos corporais aos sons rítmicos, conclui-se que a linguagem é constitutiva do homem e que, embora as linguagens se especializem e os códigos as separem, as inter-relações persistem ou voltam a se aglutinar, sob certas circunstâncias.

Uma mesma narrativa pode ser textualizada diferentemente: na telenovela, um poema, uma pintura, uma peça radiofônica ou teatral. Caso a narrativa seja manifestada em um poema, utiliza-se o código. Na telenovela há sincretismo de vários: imagem em movimento, música, vestuário, expressão corporal etc.

Já o caráter linear dos textos verbais deverá conviver com o reticular dos hipertextos eletrônicos, no qual os olhos "navegam" aos saltos e, de acordo com nossas intenções, libertos da continuidade temporal.

O papel das diferentes linguagens da mídia na estruturação ou desestruturação do saber

Alice Vieira - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Os estudos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin demonstram que o homem constrói o conhecimento de si mesmo e da realidade na e pela linguagem verbal. A linguagem é entendida como uma forma de interação humana, como atividade que o homem exerce com e sobre o outro, sobre as coisas e o mundo e sobre a própria linguagem.

Se é principalmente pela linguagem verbal que o sujeito se constitui e constrói a realidade, não podemos negar a importância e a ação de outras linguagens, veiculadas sobretudo pela mídia. Os processos de educação formal e informal contribuem para a elaboração do conhecimento e a estruturação do saber. Nos dias atuais, a educação informal chamada de escola paralela por Louis Porcher, há mais de 30 anos, intensificou-se, abrangendo as diferentes linguagens da mídia, cada qual com suas características específicas. Naquele momento, as preocupações dos educadores voltavam-se, sobretudo, para o número de horas que os alunos passavam diante da televisão.

Muitas transformações ocorreram desde então, decorrentes do progresso tecnológico digital e da globalização, o que leva muitos estudiosos a afirmarem que vivemos em uma Sociedade da Informação.

As linguagens da mídia exercem uma mediação particular na interação com as pessoas e na estruturação dos conteúdos que transmitem, possibilitando a estruturação de um saber. A questão central não é se perguntar se elas devem ou não ser aceitas, mas como conhecê-las e utilizá-las no processo de aprendizagem.

Coordenação pedagógica: desafios-compromissos de um exercício exigente

Alexsandro Nascimento Santos - pedagogo, diretor da PMSP e mestrando em Linguística

Propomos um conjunto de cinco “desafios-compromissos” que entendemos poder guiar a atuação do coordenador pedagógico:

A defesa intransigente da educação pública, popular e de qualidade para todos: não existe sociedade democrática sem que a Educação seja, efetivamente, pública, direito de todos, e sem que faça uma opção política em defesa do povo.

A consolidação de seu papel como liderança formativa da comunidade educativa: na escola, a equipe gestora desempenha um papel significati-

vo de liderança em sua comunidade educativa. É evidente que a falta de políticas públicas de formação continuada para os gestores, a deficiente formação inicial que recebem e as dificuldades que enfrentam colocam muitos obstáculos no desenvolvimento deste papel.

O exercício da exigência-companheira com os demais profissionais: o coordenador pedagógico tem importância fundamental no processo de formação dos demais profissionais da escola.

O cuidado da lucidez: a derrocada do modelo da racionalidade moderna significa que outra forma de “razão” precisa fundar o trabalho da escola.

A busca da clareza, da transparência e da leveza: chamamos de clareza o constante “revelamento” e “desvelamento” da realidade. De transparência, o desejo consciente de conhecer o mundo de forma menos “opaca”. E de leveza, o sentimento de naturalidade, de quase espontaneidade.

O coordenador pedagógico poderá contribuir para fazer da escola um espaço pleno de vida, beleza e esperança.

A influência da mídia na educação e o papel da escola

Márcia Padilha Lotito - mestre em História Social, co-autora de publicações de apoio à formação de professores e colaboradora do Cenpec, implementou o portal EducaRede (Fundação Telefônica/Cenpec/Fundação Vanzolini e Terra) e atua em projetos de uso pedagógico da Internet em diversas redes públicas de ensino

Acessar informações, utilizar serviços e comunicar-se rapidamente são algumas exigências para o domínio de diferentes linguagens e tecnologias.

No Brasil, a luta pela inclusão social da maioria da população brasileira está necessariamente relacionada às questões de uma educação de qualidade para todos. Cabe à escola criar condições para o acesso dos alunos não só aos conhecimentos básicos da leitura e da escrita, das ciências e das artes, mas também às novas tecnologias. Utilizar o computador, acessar a Internet são alguns requisitos básicos desse momento para um processo de ensino/aprendizagem de qualidade.

Na Educação, o uso da Internet potencializa o aprendizado cooperativo: o aluno aprende com seus pares e o educador orienta, media e anima o processo de construção do conhecimento.

Na verdade, a Internet é uma importante ferramenta na dinâmica de trabalho do educador. A riqueza de materiais armazenados, as informações atualizadas, as possibilidades de interação e de produção permitem o desenvolvimento de diversas atividades com os alunos. Eles podem não só pesquisar, mas também discutir um trabalho coletivamente ou ser orientados a distância pelo professor e ainda publicar resultados de projetos ou produções.

O uso de novas tecnologias na escola altera a dinâmica de trabalho em diferentes aspectos, desde a presença dos recursos necessários até a possibilidade de revisão profunda de papéis entre educador e aluno.

Educar na sociedade do conhecimento

Alexandre Le Voci Sayad - editor-chefe do site Aprendiz

Se imaginarmos como um estudante adquiria informação e cultura nos anos 50, conseguiremos imaginar o porquê do desenho clássico iluminista de uma sala de aula. Havia então pouca mídia especializada para os jovens.

Nos dias atuais, rádio, TV, revistas especializadas, Internet e os livros o inundam o estudante de informações, algumas vezes úteis, mas, na maioria, desimportantes, durante todo dia, demonstrando que o processo de democratização da informação e cultura também tem seu lado perverso.

A alfabetização clássica, que remete ao ler, interpretar e escrever abriu espaço à “alfabetização para a mídia”, que se tornou fundamental na transformação da sociedade industrial para a sociedade da informação. Isso significa, na prática, lançar o colete salva-vidas para que o estudante não naufrague no mar de informação. Ensiná-lo a nadar. Ensiná-lo a ler, interpretar e mesmo produzir comunicação (afinal o que não são os blogs e sites senão pequenos produtos de comunicação?).

Nessa nova realidade, o educador adquire o importantíssimo papel de mediador da profusão vertiginosa de informações. Deve instruir o estudante sobre a indústria da comunicação e apresentar a ele os bastidores do mundo da mídia, auxiliando na criação de um repertório para a comunicação não-verbal, ou seja, alfabetizando para o mundo das imagens na chamada “educação do olhar”. Sem ela, “olhamos, sem ver”.